

A Aspiração

326
814
1140

1140
950
2190
1500
3690



Mauricio Kelly
M.B.A. 947

Handwritten signature or name, possibly "Handwritten" or similar, written diagonally in the upper left corner.



ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

A ASPIRAÇÃO

ÓRGÃO OFICIAL DA SOCIEDADE LITERÁRIA DO COLÉGIO MILITAR
Chefe da Seção de Publicações — HERMAN HOMEM DE CARVALHO ROENICK
Redator-Chefe — DALTON LINNEU VALERIANO ALVES
Redatores — DAVID NEIVA SIMON e GILMAR MAIA DE SOUZA

ANO LIV

1 9 4 7

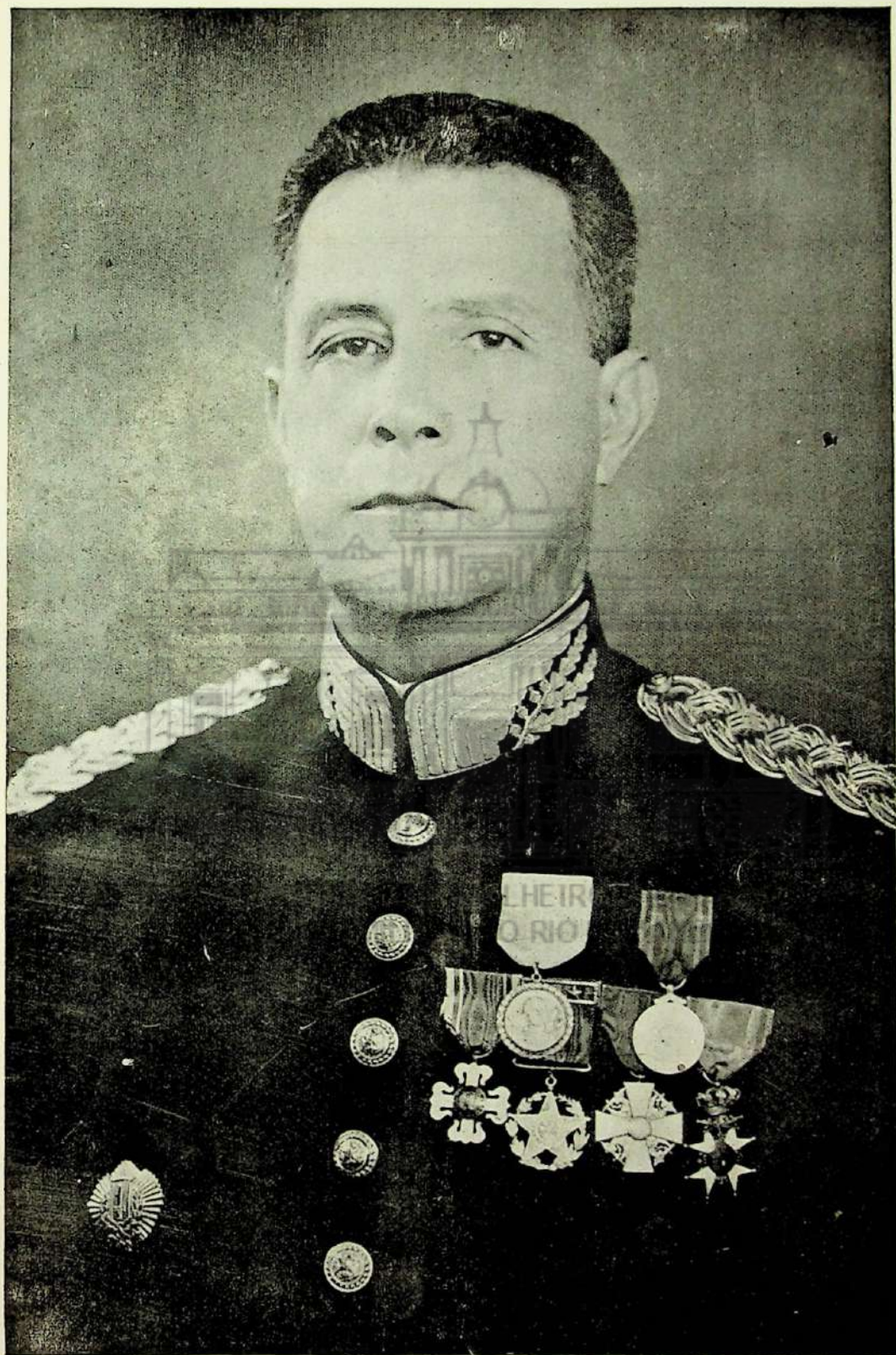
N. 1

LEITOR AMIGO:

"A ASPIRAÇÃO" é o espelho da inteligência, da cultura e do espírito dos que cursam o Colégio Militar, é o reflexo dos desejos e "aspirações" da mocidade de hoje, essa plêiade de jovens esperançosos, sempre de olhos fixos num futuro glorioso, lutando por um ideal sublime, que brilha acima de tudo. Sentir-nos-emos recompensados se esta vos agradar; se não, resta desculpar-nos.

A REDAÇÃO

H O M E N A G E M



GENERAL CANROBERT PEREIRA DA COSTA

Atual Ministro da Guerra, primeiro ex-aluno do Colégio Militar a ocupar tão elevado pôsto de administração do país e grande amigo dêste estabelecimento.

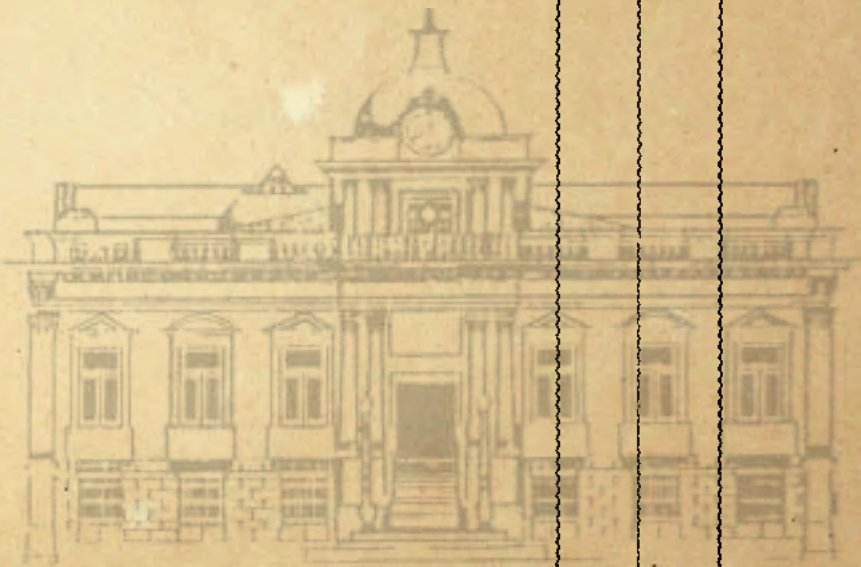
H O M E N A G E M



ALMIRANTE SILVIO DE NORONHA

Ministro da Marinha, primeiro ex-aluno do Colégio Militar que assume êste alto encargo

Noticiário



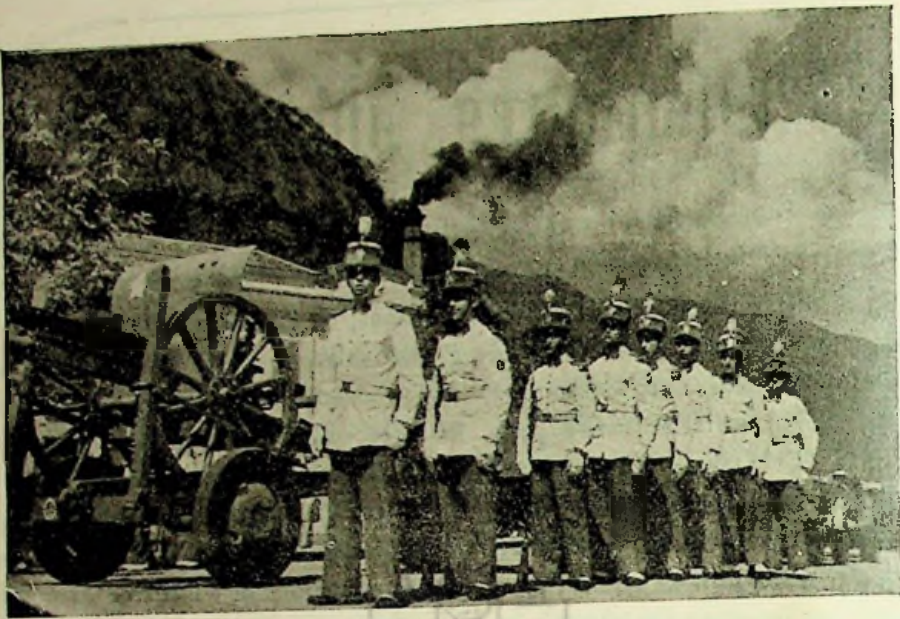
E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAS COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

Nosso Comandante

Temos a satisfação de divulgar haver sido nomeado Comandante do Colégio Militar, o Sr. Cel. Jair Dantas Ribeiro, oficial de reconhecido valor moral e profissional e que foi ex-Secretário da nossa Sociedade Literária.

A frente do Colégio vem o nosso atual Cmt. imprimindo uma orientação firme, esclarecida e bemfazeja, contando, pois, com a coadjuvação e os aplausos de todos os alunos.

ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO

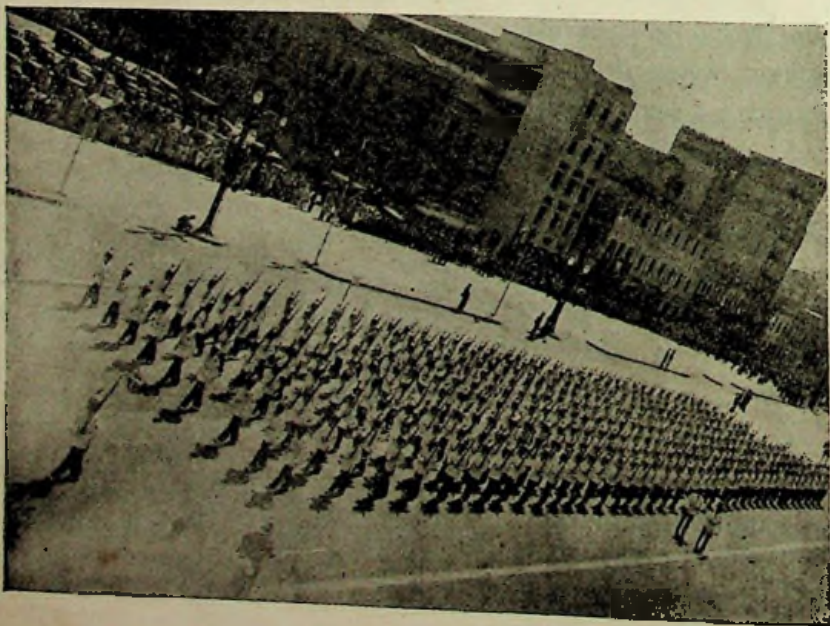


A 1.ª peça aguarda a ordem de embarcar

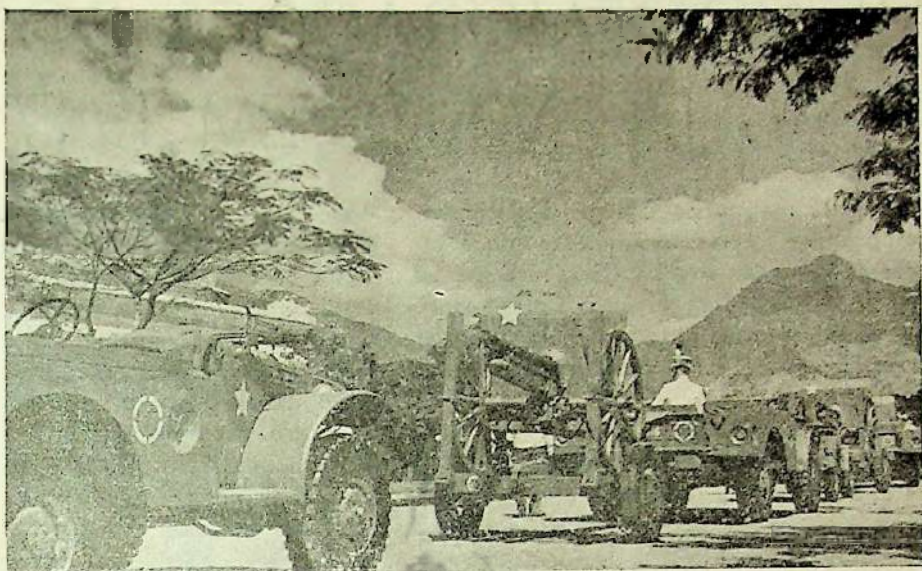


Prepara-se para iniciar o desfile, o esquadrão de cavalaria

E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO



S



A banda vibra em frente ao palanque... e a mascote também

E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO PAULISTA



Vibra o garboso esquadrão ao passar em frente ao palanque
(Fotografia gentilmente cedida pela "Revista da Semana")

AS COMEMORAÇÕES DO DIA 6 DE MAIO, EM 1947

A data magna do Colégio Militar foi pomposamente comemorada, este ano. Desde às 6 horas da manhã deste dia até as duas do dia seguinte viveu o Colégio momentos de emoção e regosijo em virtude da passagem de mais um aniversário de sua fundação.

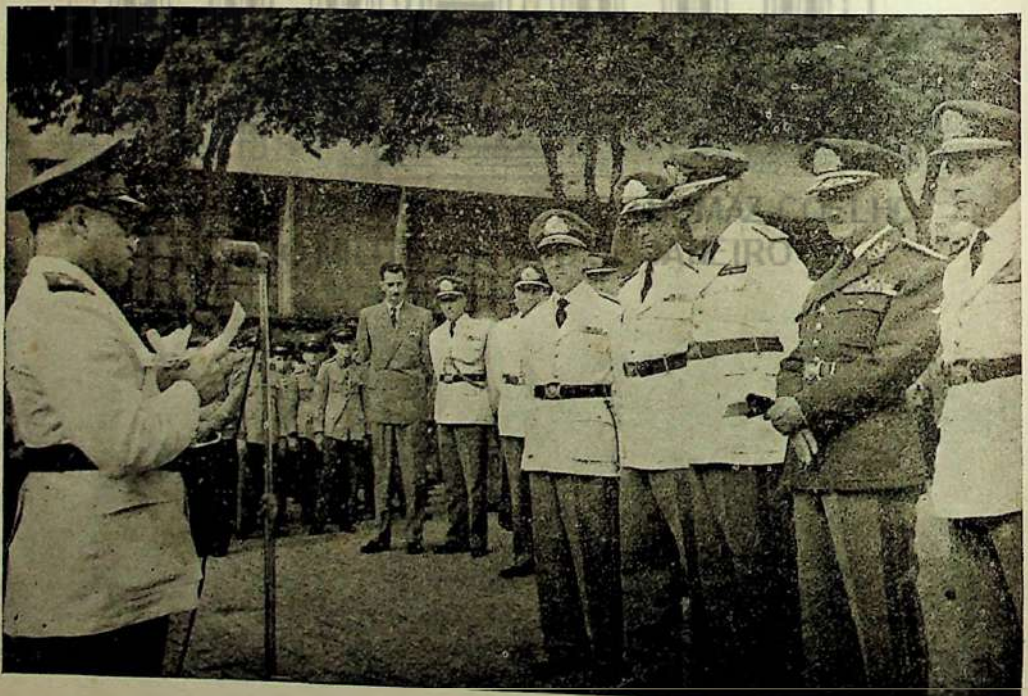
Honrados com a presença de S. Excelência General Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra, e dos Generais Milton de Freitas Almeida, Chefe do Estado Maior do Exército; José Pessoa; Souza Lima, Diretor do Pessoal; Souza Dantas, Cmt. da 6.ª Região Militar; Coronel Thales Villas Boas, Chefe de Gabinete do Estado Maior do Exército e Deputado Pires Ferreira; desfilaram os alunos em continência a estas autoridades.

Antes porém, foi celebrada pelo Capitão Pe. Alfir Barreto, Capelão do Colégio, uma missa campal, em intenção dos alunos falecidos. Em seguida, às nove horas, procedeu-se ao Hasteamento da Bandeira. Logo após foi cantado, pelos alunos, o Hino Nacional, sendo, depois, prestada significativa homenagem a Thomaz Coelho. Seguiu-se a leitura do Boletim do Dia, do qual extraímos sua segunda parte, que passamos a transcrever:

«6 DE MAIO, ANIVERSÁRIO DO COLÉGIO»

O COLÉGIO MILITAR completa hoje 58 anos.

Criado por decreto de 9 de março de 1889, foi inaugurado a 6 de maio do mes-



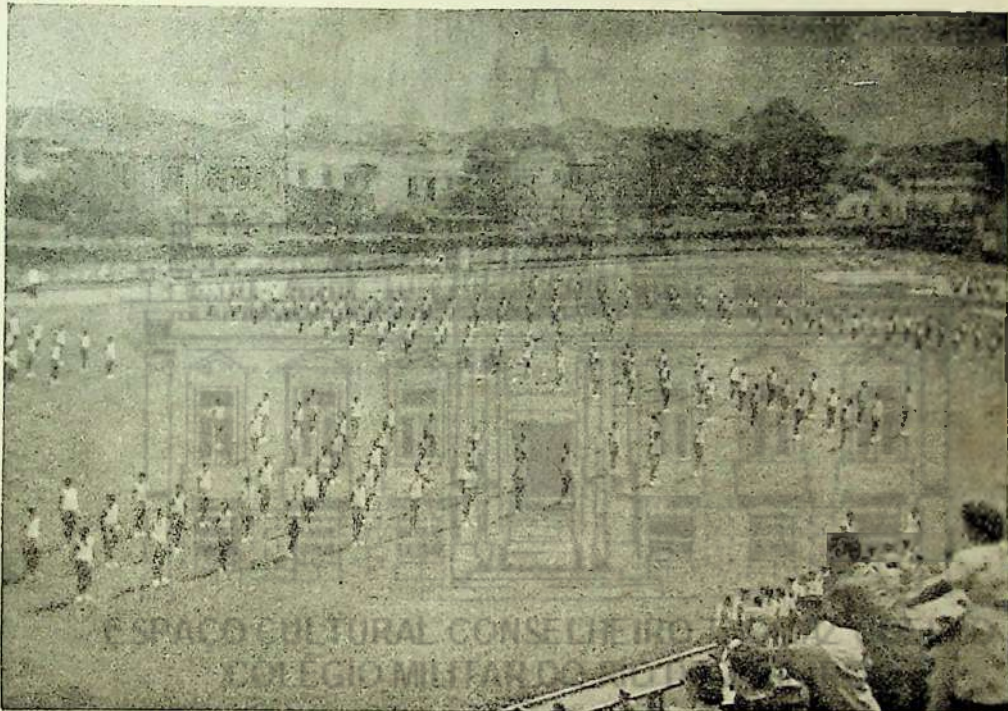
Fotografia tomada por ocasião do discurso do Major Prof. Carlos Sudá de Andrade. Vê-se, da direita para a esquerda: Gen. Canrobert Pereira da Costa, Ministro da Guerra; Gen. José Pessoa, Gen. Milton de Freitas; Gen. Souza Lima; Gen. Souza Dantas; Sel. Thales Villas Boas e Deputado Jurandir Pires Ferreira.

mo ano, tendo sido instalado no Palacete da Babilônia, para esse fim adquirido.

Destinando-se, desde o seu início, ao nobre fim de instruir e educar os filhos dos servidores da Pátria, esta instituição, criação feliz do Conselheiro Thomás Coelho, se tem ampliado e desenvolvido extraordinariamente, afirmando, dia a dia, o seu conceito e prestígio em todo o Brasil, onde é geralmente apontado como estabelecimento de superior cultura e de exemplar organização.

A história do Colégio Militar já tem, por isso, páginas profundamente comovedoras de gratidão e afeto e lembrando no dia de hoje, nada mais quero exprimir que a satisfação de todos os que, mourejando ao seu lado, num insano labor de educar e instruir cumprem, sem desfalecimento, o seu dever.

Vivemos hoje um dia festivo, e é compartilhando da sua alegria, que nossos corações dos meus jovens comandados sempre desperta o aniversário do Colégio, cabe-me o dever de mais uma vez aconselhá-



Alunos formando o C.M. no estádio

O seu esforço educativo no meio brasileiro, tem sido notável na constância e nos efeitos. Educados e instruídos, sob este generoso teto, ocuparam e ocupam lugar de destaque em todas as classes sociais, dignos moços, que aqui receberam sólido e proveitoso preparo; e o nome deste Colégio é com justo carinho respeitado em lares os mais distantes, por mãis agraciadas que, ao serem colhidas pela viuvez, nele encontraram o amparo e o real benefício de uma educação desinteressada e profícua para seus filhos diletos.

los a prosseguirem na senda que, com tanta honra, vêm traçando a fim de poderem manter perante os altos poderes públicos e a sociedade civil que nos cerca, o brilho e o renome do Colégio Militar».

Foi lida depois uma portaria do Senhor Ministro da Guerra, primeiro ex-aluno deste Colégio a ocupar tão elevado cargo, que, numa prova de alta estima por este Estabelecimento de Ensino, concedeu, naquela data, um régio presente: um Esquadrão de Cavalaria, uma Bateria

de Artilharia e uma Banda de Música. A portaria é a seguinte:

«Aviso n. 451, de 6 de Maio de 1947

1.º) Autorizo o Comandante do Colégio Militar a organizar no Destacamento Colegial, um Esquadrão de Cavalaria, uma Bateria de Artilharia e uma Banda de Música.

2.º) O Esquadrão de Cavalaria e a Bateria de Artilharia serão constituídos somente com alunos do Curso Científico.

3.º) Autorizo também a realizar os entendimentos necessários junto às Direto-

feito pelas principais autoridades presentes.

Desfilaram, depois, de modo imponente, um Pelotão de Cavalaria, uma Companhia de Infantaria e Agrupamentos do Curso Científico, do Curso Ginásial e dos ex-alunos.

Após o desfile do corpo de alunos, a grande assistência presente dirigiu-se ao estádio «Cap. Miragaia» onde assistiu a uma demonstração de Educação Física, por um grupamento de 800 alunos.

Um Pelotão de Cavalaria, realizou também uma demonstração de equitação que foi muito apreciada pelos presentes.



O Pelotão de Cavalaria que escoltou o Sr. Ministro da Guerra

rias competentes, tendo em vista o recebimento do material indispensável.

4.º) Nenhum acréscimo no efetivo do Estabelecimento resultará da presente autorização».

A seguir, fêz uso da palavra o Professor Major Carlos Sudá de Andrade, de modo brilhante, pelo que foi vivamente cumprimentado.

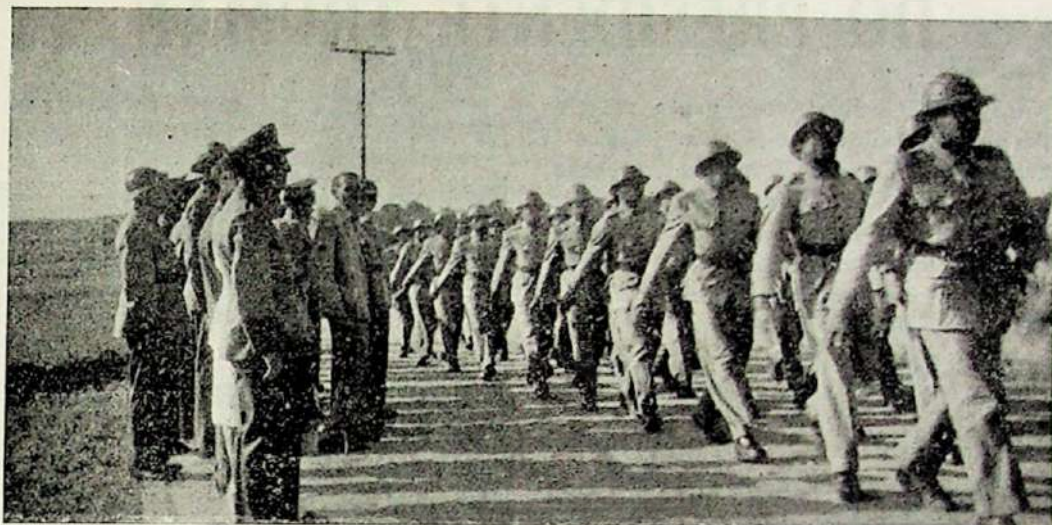
Os alunos mais destacados de cada série foram, após, agraciados com a entrega das respectivas medalhas, o que foi

Após o almoço, dirigiram-se os alunos e convidados ao Auditório, para assistirem a um «Show» de artistas de rádio.

Às 15 horas, novamente no Estádio Cap. Miragaia, teve lugar uma competição atlética desportiva e em seguida uma animada partida de foot-ball entre alunos.

No Auditório Gen. Oscar Fonseca, realizou-se às 20,30 horas, a sessão solene de colação de grau da Turma de 1946, finalizando assim as comemorações do dia Seis de Maio.

MUITO OBRIGADO 19.º B. C.



Desfile em continência às autoridades presentes, o 19.º B. C. Vê-se em primeiro plano o Ten. Cel. Lobo, comandante daquela unidade

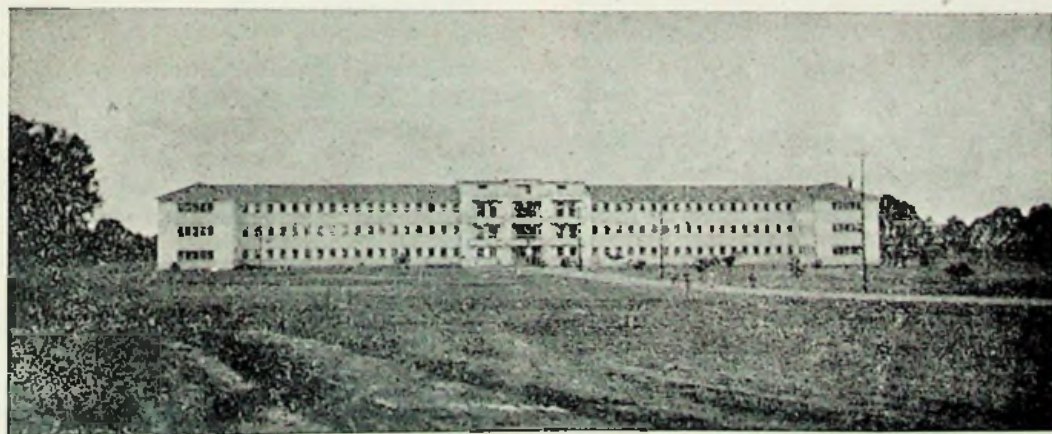
O sentimento de gratidão obriga-me a tornar pública uma série de gentilezas, carinhos e atos de hospitalidade de que fomos alvo por ocasião da nossa visita à Bahia, proporcionados pelo 19.º Batalhão de Caçadores.

Ótimamente recebidos nesta Unidade, nada podíamos desejar de melhor por parte do então Comandante Sr. Ten. Cel. José Figueredo Lôbo e dos oficiais, os quais deixaram-nos comovidos ante tanta deli-

cadeza. Tivemos a honra de almoçar e jantar no refeitório dos oficiais e êstes privaram-se de um ônibus que os transportava até o centro da cidade para que dispuséssemos dum rápido meio de locomoção em nossas visitas.

Logo após a nossa chegada fomos solene e oficialmente apresentados aos oficiais e praças do 19.º B. C., quartel que nos

(Continua na pág. seg.)



Fachada do prédio do 19.º B. C.

A BATERIA DO C. M. NA CHEGADA DO PRESIDENTE TRUMAN

G. M. DE SOUZA

O Brasil recebeu com grata satisfação a honrosa visita de S. Ex.^o o Presidente Harry S. Truman. Permaneceu entre nós alguns dias, sendo alvo de grandes manifestações por parte do povo e do Governo brasileiro. Por ocasião de sua chegada, recebeu êle uma das mais vibrantes manifestações de simpatia. O povo brasileiro consagrou ao 32.^o presidente norte-americano uma verdadeira apoteose. Em todos os cantos da nossa capital eram vistos cartazes em homenagem ao insigne visitante. Quando de seu embarque no cais do Touring Club, o Presidente Truman foi saudado pela Bateria de Artilharia do nosso Colégio com uma salva de 21 tiros. Constituiu, sem dúvida alguma, para nós, alunos do Colégio Militar, uma grande honra, essa que nos proporcionou S. Excia. Snrs. Generais Canrobert Pereira da Costa e Euclydes Zenóbio da Costa, também ex-aluno do nosso Est. de Ensino. Sentimos satisfeitos em ter cumprido com galhardia a missão que nos foi confiada. Essa atitude do Sr. Ministro da Guerra,



Nosso repórter-aluno fixou para a posteridade o significativo flagrante do encontro dos dois presidentes

(Continuação da pág. ant.)

deixou impressionados pela higiene, disciplina e eficiência de seus componentes. Tivemos a oportunidade de assistir à homenagem prestada pelos oficiais, sargentos e soldados do Batalhão ao Ten. Cel. Lôbo, por ocasião da passagem do seu primeiro aniversário de comando naquela Unidade.

Mostrou-nos o Coronel Lôbo, alguns números de «A ASPIRAÇÃO», nas quais escreveu quando aluno. Soubemos, ao tomarmos posse, que o Ten. Cel. Lôbo foi tesoureiro da S. L. C. M. e é Sócio Honorário e Benemérito.

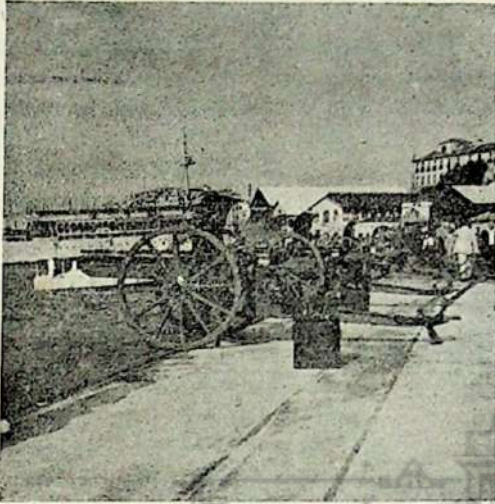
Como homenagem ao Comandante e aos oficiais do 19.^o B. C., fizemos um pequeno jornal mimeografado, «OS LOBINHOS», que depois foi oficializado pelo Ten. Cel. Lôbo. Hoje o primeiro jornal nascido no seio do 19.^o B. C. continua sua vida sob a orientação dos oficiais dessa Corporação.

Agora acho um meio de agradecer sensibilizado, em nome do pequeno grupo de alunos do C. M. gentilezas da carinhosa hospedagem que nos proporcionou o 19.^o BATALHÃO DE CAÇADORES.

Portanto, ao 19.^o B. C. o nosso profundo reconhecimento.

DALTON LINNEU VALERIANO ALVES

veio mostrar que o nosso Colégio Militar de hoje é aquele mesmo de alguns anos atrás quando S. Excia. era comandante da Bateria de Artilharia.



Voltados para o mar, nossos canhões esperam a lancha presidencial

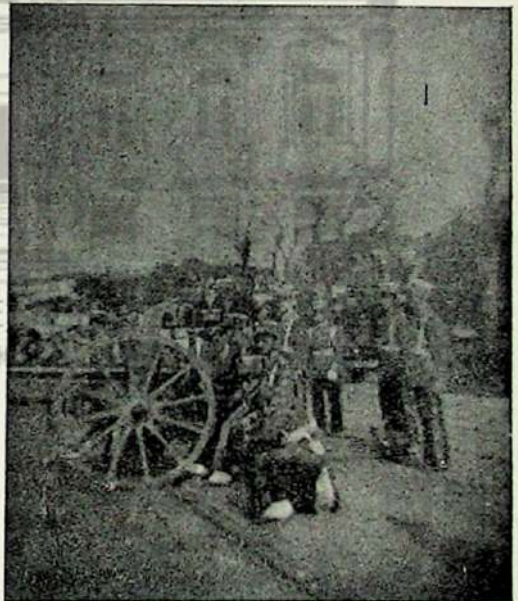
Um gesto que calou profundamente em todos os alunos componentes da nossa



Aguardando o momento de entrar em ação

Bateria de Artilharia, foi a presença do Sr. Ministro da Guerra acompanhado do Comandante da 1.^a Região Militar, General Zenóbio da Costa, no local onde se achava postada a Bateria, logo após as salvas de estilo. Sua Excia. após cumprimentar o Capitão Albino Zilio, instrutor de Artilharia, transmitiu ao comandante aluno da Bateria, a ótima impressão que tivera do preparo do nosso pessoal.

Não seria justo que terminássemos essa ligeira reportagem sem expressar nosso agradecimento ao Capitão Zilio, a quem muito devemos pelo ressurgimento auspicioso da nossa Bia. Foi êle sem dúvida alguma, pelo seu dinamismo e singular



A 1.^a peça pronta para iniciar as salvas ao Presidente Truman

capacidade de instrutor, um dos fatores principais para o bom êxito de tão honrosa incumbência.

IMPRESSÕES DAS FÉRIAS

JOSÉ DE MOURA VILLAS BOAS

Para as férias deste ano, tinha eu, há muito, concebido um plano um tanto ousado: resolvera reunir um grupo de colegas e, sob a chefia de um professor, fazer uma excursão a Montevidéu e Buenos Aires. Após a obtenção do apóio do nosso Comandante, que se mostrou entusiasmado com a idéia, fomos às embaixadas Uruguaia e Argentina. Lá obtivemos cartas de apresentação para pessoas



Dr. Pedro Ribeiro em companhia do Sr. Richard, sub-regente de estudos do "Liceu" à margem do Rio Tigre

influentes naqueles países e soubemos que em Buenos Aires, seríamos acolhidos pelo Liceu Militar de San Martin, em virtude de mensagem especial do embaixador argentino aqui.

Os componentes do grupo eram o professor Pedro Ribeiro, David, Mário, Paulo, Marcílio, Aluysio e Eu. Partimos no dia cinco de julho, às sete horas da noite. Nosso embarque esteve concorridíssimo:

parentes, colegas e até o Comandante compareceram à Central. A viagem do Rio a São Paulo foi, se bem que nada confortável, muito divertida. Tínhamos rádio, vitrola, discos, sanduíches, doces etc. Não dormimos praticamente nada, essa noite. Em São Paulo, encontramos o Dr. Pedro Ribeiro, que partira um dia antes, para apanhar nossas passagens, já reservadas, do trem Internacional. Demos um passeio por São Paulo, no qual tivemos oportunidade de conhecer o centro da cidade, que não achei tão bonita quanto o Rio. Estivemos lá cerca de três horas. Tomamos o Internacional na Sorocabana. O trem é maravilhoso. Suas cabines são confortabilíssimas, seu banheiro perfeitamente satisfatório e sua comida é superior à dos melhores restaurantes do Rio. A viagem foi um sonho notável. As paisagens que se nos deparavam eram uma coisa nunca vista: no sul de São Paulo — planícies extensíssimas, onde pastavam inúmeros rebanhos; no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, principalmente nos dois primeiros, predominavam as montanhas, cobertas de pinheirais, que dão um aspecto característico à região. Jamais tivera ocasião de apreciar paisagem tão bela e tão variável. O rio é Peixe, que nos acompanhou em parte do percurso, tem quedas maravilhosas, que de um modo geral, não são de grande altura. A vegetação de suas margens é abundantíssima. O que mais nos incomodou, em toda a viagem, foi a temperatura, que, frequentemente, esteve abaixo de zero e os três (!) descarrilamentos do carro-salão de estar.

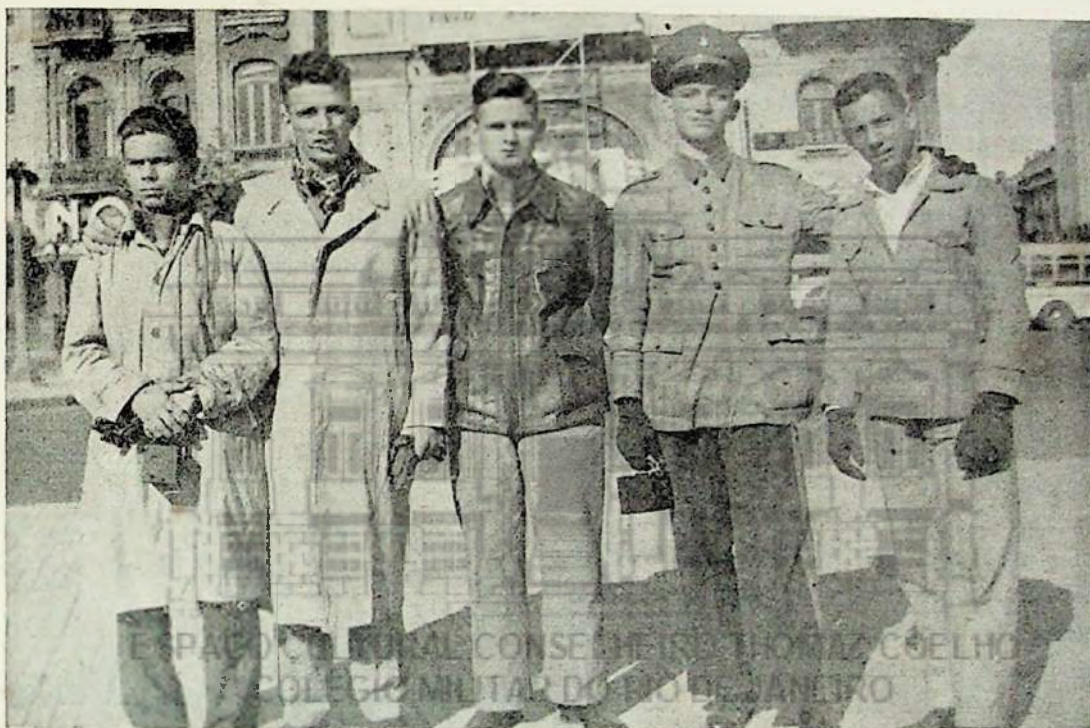
Chegámos à fronteira do Uruguai à meia-noite do dia nove. O primeiro contato de uma pessoa com uma terra estrangeira é indescritível. A vontade de conhecer pessoas criadas em um meio completamente estranho aliava-se a um medo es-

quisito. Tínhamos desejo de nos fazermos entender em língua estranha — ao mesmo tempo temíamos não ser entendidos.

Nosso nervosismo era tal que saíram várias brigas entre nós, por qualquer motivo. Nossas malas não foram revistadas aí, em virtude de o passaporte ser especial. Tomamos o trem que nos levaria a Montevideu cerca de meia hora após termos saltado do Internacional. Nesse trem, que também é muito bom, passámos uma noite muito fria. De manhã, a água

Conseguimos um hotel na Avenida 18 de Julio, que é a avenida principal, deixamos as malas no nosso quarto único, e fomos imediatamente conhecer a cidade. Montevideu é pequena; menor que o Rio. Entretanto, é muito bonita, e tem um monumento, La Carreta, dedicado aos colonizadores da terra, que é uma obra de grande vigor. Estivemos nessa acolhedora cidade apenas dois dias.

A chegada a Buenos Aires foi no dia doze, de tarde. Lá encontramos um amigo



Grupo de alunos na Praça da Independência, Montevideu

estava congelada nos canos; mas nada disso nos preocupava, pois estávamos mais que ocupados em observar a vasta planície que é o Uruguai, completamente coberta de gelo. É um espetáculo belíssimo. Não vimos, por todo o Uruguai, uma só montanha ou elevação. Em compensação, ficamos deslumbrados com campos extensíssimos inteiramente cultivados, estradas com retas a perder de vista e casas com formas e tetos bem originais. Chegámos a Montevideu nada cansados da viagem.

do Dr. Pedro Ribeiro, que nos esperava com uma interessante surpresa: em virtude dos próximos festejos do Dia da Independência, não havia quarto vago em nenhum hotel ou pensão de Buenos Aires. Seguimos, então, para a casa de uns parentes de Marcílio, para, de lá, decidirmos o que fazer: Lembrámo-nos do Liceu, telefonámos para lá e soubemos que uma comissão de alunos fora receber-nos no cais, mas que tinha havido um desencontro, em virtude de termos nós modificado

o itinerário. Logo depois, a comissão de alunos foi-nos buscar em caminhonete e ficamos hospedados, por dois dias, no Liceu. A recepção que êles nos fizeram foi excepcional.

O Comandante colocou o micro-ônibus do Liceu à nossa disposição, junto com uma comissão de alunos e o sub-regente de estudos, para nos acompanhar nos passeios. Os cadetes Alvarez, De Martino, Fiorito e Ramirez, que compunham a comissão e o Sr. Richard, o sub-regente de estudos, tudo fizeram para tornar agradável nossa estadia em Buenos Aires.

A cidade é enorme, de modo que não pudemos conhecê-la tôda. Visitamos, entretanto, o Colégio Militar (que corresponde à nossa Escola Militar); a base aérea de Palomar, (situada em frente do Colégio Militar), onde tivemos oportunidade de dar um passeio de avião; os principais museus, dentre os quais, o que mais me impressionou foi o de arte gótica; o rio Tigre; o teatro Colón; os hipódromos de Palermo e o de San Isidro, que é moderníssimos; a cidade de Luján, com sua bellissima igreja e notável museu histórico; La Plata, capital da província de Buenos Aires, com sua imponente igreja, cujo chão; todo em ladrilho polido, lembra o de um palácio. Enfim, quasi tôdas as grandes atrações turísticas.

No dia 19 de julho assistimos ao desfile comemorativo da data da independência, cujo aspecto marcante foram as evoluções feitas por um avião a jato, com uma velocidade de 900 km. por hora.

Voltamos num navio de super-luxo; porém, a volta não foi tão agradável quanto a ida, pois a viagem por mar é bem menos interessante que a por terra. Chegamos ao Rio no dia 30, mortos de saudades da família, mas com recordações para tôda a vida.

PENSAMENTOS E PROVÉRBIOS

A liberdade consiste menos em dar muito do que em dar a propósito. (*La Buyère*).

A Justiça sem a força é impotente; a força sem a justiça é tirânica. (*Pascal*).

Quando se vence sem perigo, triunfa-se sem glória. (*Corneille*).

Quem não sabe e não sabe que não sabe, é um louco: foge dêle.

Quem não sabe e sabe que não sabe, é um humilde: ensina-o.

Quem sabe e não sabe que sabe, dorme: acorda-o.

Quem sabe e sabe que sabe, é um sábio: segue-o.

Provérbio árabe.

Sempre escrever como se fala, falar como se pensa, pensar como se deve. (*Pascal*).

Nunca os marinheiros daquele porta-aviões subiram mais rapidamente de seus alojamentos para os seus postos de combate no convés, do que no dia em que ouviram pelos auto-falantes:

— Atenção! Atenção!

Tôdas as enfermeiras e auxiliares femininas dêste navio, devem comparecer agora ao tombadilho, de quêpi e gravata. Só isso... nada mais.

LÉO ABREU

Prósa



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

INSTANTÂNEOS HERÓICOS

MAJOR MICALDAS CORRÊA

1

Nos primeiros anos de nossa história, deram os índios grandes exemplos de bravura e dignidade. **ARARIBÓIA** foi das maiores figuras da raça primitiva do Brasil. Lutou contra os franceses invasores do Rio de Janeiro, em 1567, ao lado de **MEM DE SÁ**. No assalto à Ilha de Villegaignon, é o que primeiro avança e ousadamente arremessa um archote a um paiol de pólvora, o que foi de efeito decisivo. Narram as crônicas um fato que mostra sua altivez. Foi o índio, certa vez, visitar o governador da Cidade. Ofereceram-lhe uma cadeira e ele, acomodando-se como de hábito, trançou as pernas sobre o assento. Observaram-lhe que não era respeitosa aquela posição, ao que ele respondeu:

— “Se soubesses como estão cansadas minhas pernas, das guerras em que servi ao Rei, não repararias neste pequeno descanso; mas já que achas que não tenho cortesia, vou para minha aldeia, onde não cuidamos destas coisas; quando precisarem de mim, já estou.”

2

Nas guerras holandesas avultam três grandes heróis brasileiros: **ANDRÉ VIDAL DE NEGREIROS**, **ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO** e **HENRIQUE DIAS**. **VIDAL DE NEGREIROS**, paraibano, durante mais de vinte anos lutou contra os invasores. Em 1644, pelos grandes serviços já prestados, foi nomeado governador do Maranhão. Mas não permaneceu ali. Em Pernambuco, prepara a Insurreição, orientando e impulsionando o movimento. Em Guararapes, foi o comandante da vanguarda. De uma vez teve morto o cavalo em que montava. De outra, foi ferido, ficando aleijado de uma perna. Foi quem assinou o tratado de paz em 1654, e quem levou a Portugal a notícia da derrota dos holandeses, sendo, nessa ocasião, recebido pelo Rei, com tôdas as honras.

O índio **POTI**, que recebeu no batismo o nome de **ANTÔNIO FELIPE CAMARÃO**, lutou também com bravura, desde o princípio da guerra. Em 1637, em Pôrto Calvo, e depois, em 1648, nos Guararapes, desempenhou ação decisiva e foi fator da vitória.

O negro **HENRIQUE DIAS** foi o grande herói no combate de Pôrto Calvo. Ferido numa das mãos, mandou cortá-la e prosseguiu a luta com a outra. Tendo recebido condecoração por bravura, declarou que agradecia, mas que não a usaria enquanto a Pátria estivesse sob domínio estrangeiro.

3

DOMINGOS JOSÉ MARTINS idealizou e executou a Revolução Pernambucana de 1817. Prêso e condenado à morte, frente ao pelotão de fuzilamento, exclamou: “Vinde executar as ordens do vosso sultão. Morro pela liberdade!”

Outro bravo desse movimento libertador foi **JOSÉ INÁCIO DE ABREU LIMA**, o **PADRE ROMA**. Calmo, no momento da execução, dirigiu aos soldados que iam fuzilá-lo as seguintes palavras:

— “Camaradas, eu vos perdoo a minha morte. Lembrai-vos, na pontaria, de que o coração é a fonte da vida, e atirai...”

4

No cerco de Humaitá, **OSÓRIO** comandava à frente de seus soldados, como era de hábito. Dizendo-lhe depois alguém, que assim arriscava a vida, e com ela a sorte do exército, respondeu:

— “Eu precisava mostrar aos soldados que o seu general era capaz de ir até onde os havia mandado.”

Certa ocasião, marchava com suas tropas, paralelamente às tropas inimigas. Correndo, um oficial avisou:

— "General, ali val uma força!"

— "Pois meu caro, aqui val outra..." — respondeu com calma.

De outra vez, perguntaram-lhe:

— "Com que contava Vossa Excelência quando, apenas com 12 homens, saltou no Passo da Pátria?"

— "Com o medo do inimigo" — respondeu.

5

Uma ponte estreita, com três metros de largura, sobre um rio apertado entre rochedos. Diante dela 5.000 inimigos e 12 canhões barram a passagem. Mas a travessia é indispensável aos brasileiros. Centenas de cadáveres atravancam a passagem. GURJÃO e ARGOLO estão feridos. O coronel FERNANDO MACHADO morre na passagem. São três chefes fora de combate. E o medo se propaga à tropa, que recua desordenada e sem comando. É a derrota que se apresenta. Então um velho general desembainha a espada, esporeia o cavalo e grita:

— "Sigam-me os que forem brasileiros!"

A tropa, tocada pelo exemplo de CAXIAS, investe, enfrenta o fogo e atravessa a ponte.

Os moribundos se levantam, agitam as armas e caem mortos adiante. A vontade de vencer, num velho de 65 anos, levou à vitória um exército de moços.

ANTÔNIO JOÃO, tenente de cavalaria, comandava a Colônia Militar de Dourados, em 1864, quando foi invadido Mato Grosso. Atacada a Colônia por 220 homens, ANTÔNIO JOÃO reuniu velhos, mulheres e crianças, pondo-os a salvo e fez a resistência com 15 homens apenas. Intimado pelo capitão paraguaio a entregar-se, perguntou:

— "Traz ordem do governo imperial para que eu me renda ou entregue a praça?"

— "Não, mas trago 220 homens para tomá-la pelas armas."

— "Então, meus senhores, retirem-se, porque só recebo ordens de meus superiores."

E voltando-se para os companheiros, comandou:

— "Preparar! Apontar! Fogo!"

A essa descarga seguiu-se uma fuzilaria cerrada, até que tudo silenciou.

Os paraguaios, então, entraram na Colônia e encontraram 16 cadáveres estendidos. Antes do combate, ANTÔNIO JOÃO havia escrito, ao seu superior, um ofício dando notícia do que se passava, e que terminava com as seguintes palavras:

"Sei que morro, mas o meu sangue e o de meus companheiros servirá de protesto solene contra a invasão do solo de minha pátria."

O próprio comandante das tropas invasoras, em relatório oficial, mostrou-se surpreso com o patriotismo e a bravura de ANTÔNIO JOÃO.

7

Atravessando os sertões de Mato Grosso, uma coluna de 3.000 brasileiros foi enviada para impedir a invasão paraguaia. Quando chegou à fronteira, a peste e a fome já haviam reduzido a coluna a 1.600 homens. Comandava-a, nesse instante grave, o Coronel CAMISÃO, que resolveu marchar contra o invasor, apesar de recursos insuficientes.

Acompanhava a coluna o guia LOPES, velho mineiro que conhecia palmo a palmo aqueles sertões, e que tivera a família aprisionada pelo inimigo. Dois anos já se haviam passado desde a partida, até que se travou o primeiro combate, com energia e bravura. Mas o inimigo era muito numeroso e dispunha de armas e alimentação com fartura. Os brasileiros resolveram então fazer uma retirada combatendo, preferindo a luta a vergonha de ficarem prisioneiros. Tudo, porém, se conjugou contra a coluna heroica. O inimigo superior em número e armas, a peste, a fome, a sede e o incêndio das matas, tudo martirizou aqueles bravos.

Mas enfrentaram tôdas as desgraças e, no fim de 35 dias de retirada, somente 700 homens chegaram salvos. E com eles a bandeira brasileira.

8

RICARDO FRANCO (1) e PORTOCARRERO marcaram páginas épicas na história da legendaria Coimbra.

Com repercussão das lutas entre as côrtes de Portugal e Espanha, tentaram os colonos espanhóis firmar-se em Mato Grosso, no ano de 1801.

(1) RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERA, engenheiro militar e geógrafo, português de origem, viveu durante 40 anos em Mato Grosso, aí faleceu. Muito trabalhou pelo Brasil, demarcando fronteiras, explorando terras, construindo obras de defesa.

RICARDO FRANCO, que já havia trabalhado na edificação das muralhas de Coimbra, era, nessa ocasião, o comandante do forte. O general D. LAZARO DE RIBEIRA, governador do Paraguai, com 5 goletas, 20 canoas de guerra e 600 homens de desembarque, em 16 de setembro, apresenta-se para apressar-se da praça. Defende-a RICARDO FRANCO com 42 soldados e mais alguns negros velhos, mulheres e crianças. Troa o fogo da artilharia, de ambos os lados, durante algumas horas. Mas, reconhecendo sua superioridade, enviam os espanhóis um parlamentar com a seguinte intimação:

— "A bordo de la goleta Nuestra Señora del Carmen, 17 setiembre 1801.

Ayer a la tarde tube el honor de contestar el fuego que V. S. hizo de ese fuerte; y habiendo reconocido que las fuerzas con que voy inmediatamente a atacarlo son muy superiores a las de V. S., no puedo menos de vaticinarle el ultimo infortunio; pero, como los vasallos de S. M. Católica saben respetar las leyes de la humanidad, aún en medio de la guerra, por tanto pido a V. S. se rienda a las armas del rey mi amo, pues al contrario, a cañon y a espada, decidiré de la suerte de Coimbra, sufriendo su desgraciada guarnición todas las extremidades de la guerra, de cuyos estragos se verá libre V. S. se convinere con mi propuesta contestandome categoricamente esta en el término de una hora — D LAZARO DE RIBERA."

A resposta de RICARDO FRANCO é uma peça magistral, misto de bravura e de escárnio:

— "Forte de Coimbra, 17 de setembro de 1801.

Tenho a honra de responder a V. Excia, categoricamente, que a desigualdade de forças foi sempre um elemento que muito animou os portugueses a não desamparar o seu posto e a defendê-lo até à última extremidade, a repelir o inimigo e sepultar-se debaixo das ruínas do forte que lhes foi confiado. Nesta resolução está toda a gente deste presidio que tem a distinta honra de ver em

frente a excelsa pessoa de V. Excia., a quem Deus guarde. — RICARDO FRANCO DE ALMEIDA SERRA."

Durante oito dias foi violento o bombardeio. Mas a heróica resistência obrigou o inimigo retirar-se, malogrando-se a expedição.

Em dezembro de 1864, quando os paraguaios invadiram Mato Grosso, 5.000 homens com 12 navios e 63 canhões, sob comando do Coronel VICENTE BARRIOS, atacaram Coimbra, defendida então por 167 brasileiros e 11 canhões, comandados pelo Tenente-Coronel PORTOCARRERO. Como já fizera RIBERA, mandou BARRIOS um parlamentar com intimação para render-se o forte:

— "Viva la República del Paraguay.

A bordo del vapor de guerra paraguayo Iguerey, el 27 diciembre de 1864.

El colonel comandante de la división de operaciones en el Alto-Paraguay, en virtud de ordenes expresas de su Gobierno, viene a tomar posesión del fuerte bajo su comando; y queriendo dar una prueba de moderación y humanidad, intima a Vd. para que dentro de una hora se lo entregue pues en contrario, espirado ese plazo, pasará a tomarlo a viva fuerza, quedandose la guarnición sujeta a las leyes del caso. Mientras espero su contestación, es de Vd. atento servidor. — VICENTE BARRIOS. Al señor comandante del fuerte de Coimbra."

Repeliram os brasileiros a intimação com esta resposta:

"Distrito militar do Baixo Paraguai.

Forte de Coimbra, em 27 de dezembro de 1864.

O tenente-coronel comandante deste distrito militar, abaixo assinado, respondendo à nota enviada pelo sr. comandante VICENTE BARRIOS, comandante da divisão de operações do Alto-Paraguai, recebida às 8h.20 m. da manhã, na qual se lhe declara que, em virtude de ordens expressas de seu governo, vem ocupar esta for-

talca, e que, querendo dar uma prova de moderação e humanidade, o intima para que se entregue dentro do prazo de uma hora, e que, caso o não faça, passará a tomá-lo à viva força, ficando a sua guarnição sujeita às leis do caso; — tem a honra de declarar que, segundo os regulamentos e ordens que regem o Exército brasileiro, a não ser por ordem de autoridade superior, a quem transmite neste momento cópia da nota a que responde, só pela sorte e honra das armas a entregará; assegurando a S. S. que os mesmos sentimentos de moderação, que S. S. nutre, também nutre o abaixo assinado. Pelo que o mesmo comandante abaixo assinado fica aguardando as deliberações de S. S., a quem Deus guarde. — HERMENEGILDO DE ALBUQUERQUE PORTOCARRERO, tenente-coronel.

Ao sr. coronel VICENTE BARRIOS, comandante da divisão em operações no Alto-Paraguai."

Durante dois dias resistiu a guarnição do forte, até esgotar-se completamente o fogo da defesa. Durante a noite de 27 para 28, mulheres e crianças trabalharam no fabrico de munição, e sem esperança de reforço, não se entregaram. Retiraram-se, nada deixando que pudesse ser útil ao inimigo.

9

Emílio Luiz MALLET foi o grande artilheiro, na batalha de Tuiuti. À frente de suas posições, abriu um grande fôssco e batia-o violentamente com o fogo dos canhões.

— Por aqui não entram! — gritava êle, no intenso da peleja.

Tão violenta foi a ação da artilharia, que lhe deram o nome de "artilharia-revólver". Após a vitória, felicitaram-no pela atuação decisiva, ao que êle respondeu displicente, apontando o fôssco entupido de cavaleiros e cavalos:

— "Façam continência àquêle buraco; êle é que é um dos maiores heróis do dia."

No assédio de Paisandu, em dezembro de 1864, comandava um regimento de artilharia, que manteve fogo intenso, durante 52 horas consecutivas. Na passagem dessa posição, deu-se um fato que bem prova o caráter de Mallet. Dois filhos seus serviam no mesmo regimento e ocupavam a vanguarda. Ao receber ordem de atravessar o rio e atacar o

inimigo na outra margem, reuniu a officialidade e declarou-lhes:

— Meus filhos devem ser os primeiros a atravessar o rio, devido à posição que ocupam no regimento; mas estou indeciso porque, se os mando na frente, poderão dizer que quero enchê-los de glória; e se os retirar para a retaguarda, pensarão talvez que procuro poupar-lhes a vida.

Mas resolveu que avançariam na frente. Um foi morto; o outro foi dos primeiros a pisar na margem inimiga.

10

Antônio Sampaio foi o comandante da vanguarda, em Tuiuti. "Divisão couraçada" foi o nome que deram à infantaria de seu comando, tanta foi a bravura e o desprezo pela morte, frente às balas do inimigo. Nesse dia memorável de 24 de maio de 1866, recebeu três ferimentos de que resultou sua morte. Mas sua bravura levou o exército inimigo a recuar, abrindo caminho à vitória Chaco, manobra envolvente cuja idealização do Brasil.

11

José Joaquim de ANDRADE NEVES, Barão do Triunfo, a quem Caxias deu o título de "bravo dos bravos", teve seu instante supremo em Lomas Valentinas. Com 64 anos de idade, comandava uma divisão de cavalaria, que causava horror ao inimigo, com suas galopadas em massa e cargas furiosas de lanças. "Cavalaria dos loucos" é como chamavam os paraguaios à sua Divisão. Ferido por bala nessa batalha, que foi a mais violenta de toda a guerra, veio a falecer depois, em consequência. Foram suas palavras, no delírio da morte, como um último comando:

— "Camaradas, mais uma carga!"

12

Em frente ao Forte de Itapirú, e dêle distante mil metros, no Rio Paraná, existia uma ilha, a Ilha da Redenção, hoje desaparecida, tragada pela correnteza. Forças brasileiras ocuparam-na e daí sitiavam a posição inimiga. Os paraguaios investem, assaltam-na e trava-se então violenta luta à arma branca. VILAGRAN CABRITA foi o herói da resistência nessa ilha, conseguindo, com 900 brasileiros, derrotar e pôr em fuga 3.200 inimigos. Quando já redigia a parte da vitória, um tiro de canhão, tardio, traiçoeiro, mera fatalidade, causou-lhe a morte.



A Diretoria da S. L. C. M., constituída de: Da esquerda para a direita: sentados: Edgard Roméro Amorim (1.º Secretário); Braz Monteiro Campos (Vice-Presidente); Gerson Miranda dos Santos (Presidente); Paulo Cavalcanti da Costa Moura (Diretor Cultural); Eugênio Batista (2.º Secretário). Em pé: Cleverson da Silva Gomes (Orador Oficial); Herman H. de Carvalho Roenick (Chefe de Publicações); João Ribeiro da Silva (Diretor Social); Ney Deodoro Barmento (Chefe de Comemorações); Júlio Cesar Américo dos Reis (Chefe de Recreação); Léo Cezejo Pinto de Abreu (Suplente de Secretário); Manoel Maves Gaspar (Chefe de Festejos) e Ewaldo Cesar Rebouças (Tesoureiro).

que a glória é nossa" e "O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever".

Nessa batalha, MARCÍLIO DIAS, simples marinheiro, de quem não se conhece nem filiação, nem nascimento, pagou com a vida o preço da vitória.

Sózinho, frente a grande número de inimigos, lutou desesperadamente, até cair espedaçado pelos sabres e machadinhas dos atacantes.

19

A Guerra de Canudos foi teatro de grandes heroísmos, de parte a parte. Numa das expedições, a tropa regular viu-se cercada pelos jagunços e começou a debandar. Mas uma bateria permaneceu firme, heroica no seu posto — foi a bateria do capitão SALOMÃO DA ROCHA. Os sertanejos, vendo a valentia daqueles poucos artilheiros, fecharam o cer-

co. Mas eles não abandonaram as posições e morreram lutando, junto aos canhões, retalhados a golpes.

20

Durante a revolta da esquadra foi FLORIANO ameaçado e intimado pelos revoltosos a entregar o poder. Enérgica e decisiva foi a resposta do Marechal de Ferro:

— "Desta cadeira, só duas forças são capazes de me arrancar — a lei ou a morte!"

Durante a luta, os duelos de artilharia entre as fortalezas e os navios eram intensos, expondo a perigo a população. Falou-se então que contingentes militares estrangeiros aqui desembarcariam, a fim de proteger seus compatriotas.

Consultado Floriano, como receberia tais desembarques, respondeu secamente:

— A bala!

A INUTILIDADE DOS VERBOS EM FRANCÊS

Tradução de um artigo sem verbo
do LE PETIT JOURNAL — 1897

Verbos! Cousa intolerável da convenção antiga e ridícula para o atulhamento da frase, geralmente viva, leve e clara, sem êles! Invenção esquipática e com a complicação de acordos e não-acordos de particípios: armadilha, aliás, pérfida para os exames de gramática.

Porque não a supressão do verbo antes da reforma da ortografia? Além disso, que lição maravilhosa para nós, a ausência deles num grande número de adágios da sabedoria humana! Exemplo: «Pequenas causas, grandes efeitos», etc.

Que facilidade de trabalho, para as memórias rebeldes, nessa concisão de forma! Nenhuma palavra em excesso; nada de fútil, de embaraçoso; a essência concentrada da frase, com quatro ou cinco palavras: o «Liebig» do pensamento! Sim, o verbo, eis o inimigo! Guerra contra êle! Morte aos indicativos, aos subjuntivos, aos imperativos, aos infinitivos, enfim, a tudo em «ivo» e principalmente, ao terrível mais

que perfeito do subjuntivo, triunfo dos belos falastrões do Sul, desde Avinhão até Carcassone.

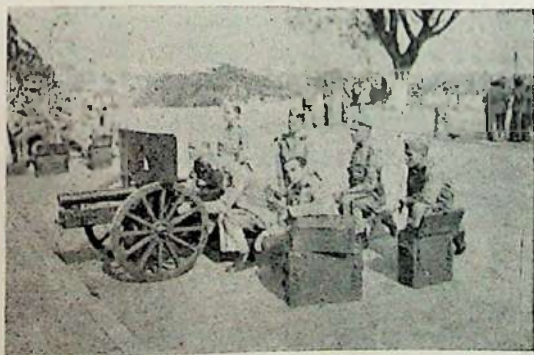
Em lugar das odes na Academia, na Comédia Francesa, na inauguração da ponte de Alexandre III, porque não um simples cumprimento, sem verbo, ao tsar e a tsaritsa? Novidade apreciável, certamente, para tais festas, notáveis pelas surpresas, pela decoração das ruas, pelo engrinaldamento das fachadas, pela floração artificial das árvores sem folhas, na praça central dos Campos Elísios.

Uma saudação sem verbo, ao tsar, que maravilhosa resposta à invasão desta estranha literatura do Norte, mais arrogante de seus sucessos ibsênios entre nós e de sua influência fantástica nos costumes do nosso teatro! Que desafio ao mundo intellectual dos outros países!

Que assombro no universo inteiro: a supressão do verbo na literatura da França!

Coragem e confiança no progresso! Esperança, sobretudo, da mudança completa das regras gramaticais.

E qual melhor supresa, para a inauguração da Exposição Mundial de 1900, que a ausência total do verbo — mesmo do verbo mais útil na aparência — nos votos de boa vinda do Presidente da República da época — (sem dúvida o mesmo de hoje) — aos seus imperiais visitantes: Nicolau II, o xá da Pérsia e Menelik, os três bons amigos da França!



A quarta peça prepara-se para entrar em ação

WILTON

O ESQUADRÃO DO COLÉGIO MILITAR

EDGARD A. ROMÉRO AMORIM

Depois de algum tempo de inatividade, voltou a cavalaria à gloriosa casa de Tomás Coelho.

Logo que o atual comandante «reviveu» o nosso esquadrão, uma onda de alunos quiz a êle pertencer. Eu estava nesta onda. Fui feliz. Pertença agora ao 2.º pelotão do Esquadrão do Colégio Militar.

Logo às primeiras instruções, soube-mos que o esquadrão teria que se apresentar na parada de «Sete de Setembro», e, portanto, teríamos de enfrentar uma dura, uma duríssima instrução.

Instrução todos os dias: formatura, formação por esquadras, treinos com lanças, trotes, galopes, alinhamento...

Minha cabeça encheu-se de ordens e de nomes.

Chegava o dia.

Na véspera da parada, um sábado, passámos o dia, desde muito cedo, no Colégio. Limpámos os bucéfalos, engraxámos as botas, polímos mais uma vez, as já lustrosíssimas selas.

Domingo, pela madrugada, acordámos, ranchámos e fomos rumo às báias.

Aproximava-se célere a hora.

Puzemos em prática todos os conhecimentos.

Pronto! O esquadrão estava formado, pronto para o desfile.

Sáimos à rua. Fomos vagarosamente até à Avenida Presidente Vargas.

Esperámos. Era chegada a hora, ocasião impar para mostramos com garbo

quanto tínhamos aprendido de profícuo em tão exíguo espaço de tempo.

Em cima do meu «Bolero», eu dava graças aos ensinamentos que assimilara com o capitão Anísio, nosso exímio instrutor, o qual merece uma especial menção neste comentário.

Foi êle quem, com seus ensinamentos nos pôs à altura da representação do Esquadrão do Colégio Militar. Foi êle quem, com suas cadenciadas instruções, conseguiu fazer de nós, um grupo, não digo de experientes cavaleiros, mas de rapazes esforçados, prontos para tudo e para dar tudo pelo bom nome deste tradicional Colégio. Como ex-aluno, o capitão Anísio já pensou também como pensamos, já sentiu o que sentimos...

Desfilávamos. Passávamos em frente ao palanque presidencial.

As atenções multiplicavam-se em manter os cavalos alinhados.

Tudo azul!

Chegámos ao Colégio, sugados e cansados pelos dias de intensa instrução, mas recompensados pela brilhante vitória alcançada pelo Esquadrão com apenas semanas de treino.

Tudo foi devido a dois fatores: ao Capitão Anísio, nosso instrutor, e à nossa máxima boa vontade em ver o Colégio Militar destacar-se, como nos áureos tempos, na parada de «Sete de Setembro».

Conquistávamos mais uma vitória, continuando assim a tradição de memoráveis glórias do «meu» Colégio Militar.

Adivinha com média, pão e manteiga

DE DANTES ALIQUIERA

GILMAR MAIA DE SOUZA

INTRODUÇÃO

Esta história não é uma trilogia, apesar de ser uma imensa ação em três atos: o PULGATÓRIO e o PARA ISSO. Nela incluo, por meio de episódios sem vigor, as concepções futebolísticas e filosóficas (referentes a fila) da época atual. Na primeira parte descrevo uma porção de coisas sem nexos, o mesmo não acontecendo na segunda, na qual os fatos não se ligam. Só se aproveita a terceira parte, PARA ISSO...

Quando começardes a ler estas loucuras, deves ter sempre em mente que existem coisas piores, como, por exemplo, uma viagem

PRIMEIRA PARTE

"O INFERNO"

Uma noite, tendo-me perdido em sombria e espessa rua habitada por pessoas suspeitas, notei, ao longe, o vulto de um homem por quem chamei. Pedi-lhe que me indicasse onde ficava o distrito mais próximo. Aproximou-se e disse que era a sombra do Sombra e ofereceu-se para me conduzir às regiões onde "os espíritos de porco" são eternamente engaiolados. Mas eu, receoso, não sabia o que resolver; então o Sombra declarou que fóra a Gilda, mulher que não tem rivais nem filiais, que, descendo morro do Querosene, lhe pedira que me mostrasse essas misteriosas paragens. Quando ouvi falar na Gilda não hesitei mais e lá fui eu de lotação com o tal homenzinho. Ah, Gilda...

"LASCIA TE OGNI SPERANZA, VOI CH' ENTRATE" (deixai aqui tôdas as esperanças e gafanhotos, ó Vós que entraís)

Estas fatídicas palavras estavam escritas por cima de uma grande placa. Dentro, o ar era viciado... em Pif-Paf. Continuamente, Uma poça d'água em nossa frente, e sôbre ela, um velho de óculos "Ray-Ban" conduzia, em uma lancha a motor, a macacada que havia perdido o bonde. Ao passar a poça d'água, molhei os pés e então dormi.

Acordando com o fragor formidável de um samba rasgado, encontrei-me no primeiro círculo do inferno, chamado Bimbo, onde moram as almas de muitos homens que frequentaram a escola no tempo em que não havia o trote. Sócrates, Platão, Homero e Cesar, quase uma linha de "scratch", estavam ali entre muitos outros filosofóforos, isto é, filões de fósforos, poetas e reis pagãos (pagavam tudo). Passeavam por uma calçada verdejante e batiam um papinho amigável entre si.

Descemos daí para o segundo círculo, que era mais estreito que o primeiro, e, á entrada, encontramos Minos, juiz de futebol, que nos



Perfil de Dante e do Autor

de bonde às 6 horas da tarde ou da manhã, pois dá sempre na mesma. Nunca te impressiones com o final, pois não valerá a pena esperar por êle, porque essa história não terá fim. Com o intuito de evitar os finais emocionantes foi que a obra ficou por terminar.

Bem, leitor paciente, vou deixar de lérolero e dar início ao drama.

cana era dura. Mas o Sombra replicou-lhe dizendo que o nosso "team" não jogaria hoje e ele poderia apitar à vontade. Era tão escuro aquêle lugar que mais parecia o campo do Flamengo em jôgo noturno. Ouvia-se apenas o som dos tamborins e cuicas que arrebatava a turma para o samba.

Alí habitavam os que tinham sido condenados pelo pecado da carne, isto é, os que vendiam carne no Câmbio negro e fora do talão de racionamento; entre aquela gente era grande o número de açougueiros. Descemos mais ainda e fomos ter ao terceiro círculo. Nêle corria eternamente uma torrente de refresco geladinho, enquanto Cerburro, monstro com forma de cão e possuindo três cabeças, se entretinha chupando aquêle refresco com um canudinho em cada bôca.

No quarto círculo, mais abaixo ainda, a turma era bem maior porque ali estavam os que haviam sido condenados por terem feito mau uso das riquezas alheias.

Descemos então ao quinto círculo e chegamos à margem de um lago de lama. Revolvendo-se naquele imundície, em calções de banho, e fazendo cosquinhas uns nos outros, estavam os que queriam ter uma pele aveludada, usando lama vitaminosa. No sexto círculo, nada havia de interessante e o pessoal era todo mal acabado.

O sétimo círculo era dividido em três partes: na primeira, corria um rio de sangue de barata no qual eram submergidos os tiranos e assassinos; e se tentassem levantar a cabeça acima da horrível corrente, uns cem tau-rus jogavam contra êles bolinhas de pão. Uma floresta ex-pinhosa (lá não havia mais pinho) era a mansão dos que não encontravam casas para alugar nem apartamentos sem luvás. A última divisão era uma planície de areia sêca e ardente sôbre a qual caíam, sem cessar, pimentinhas malaguetas. O monstro Fraude, de graciosa fisionomia, tipo 1947, conversível, com rádio e outras inovações, e que possuía o corpo com vontade de ser pente, saiu da poltrona e nos conduziu em uma caminhonete ao oitavo círculo, onde habitavam os "gaviões" (os que roubam as pequenas dos colegas), malcriados, sem vergonha, jogadores de ronda, todos os intrujões e embusteiros. Eram alí atormentados com um dêsses cabulosos programas de teatro pelo ar. Alguns submergiam em montões de jornais velhos; outros davam cambalhotas; alguns nadavam

cachorrinho; outros, perseguidos pela policia. Cada macaco em seu galho...

Por último, no fundo do horroroso abismo, vi Luci Fer. Ela era boa, muito boa mesmo. De seus olhos saía um manancial de bôlinhas de sabão e de sua bôca uma porção de nomes feios como carlocinese, cataplasma, pe-reba, vatapá e muitos outros. Naquele momento, em um grande elevador, descíamos ao fundo do abismo. Na tenebrosa escuridão, o meu guia teve uma idéia luminosa, que esclareceu o ambiente, e só assim pudemos notar que estávamos atravessando o centro da Terra. Meyer, Cascadura e muitos subúrbios já haviam ficado para trás. Por fim, chegamos ao térreo. O meu guia, muito afobado, em vez de sair pela porta da rua, entrou em outro elevador, que nos conduziu para onde começa a segunda parte.

"O PULGATÓRIO"

Satisfeitos de respirar novamente um ar puro, aproximamo-nos do monte Pulgatório, onde uma cachorrada recebia o seu casalzinho de pulgas para a reprodução e poderem, assim equipados, escorar postes nas ruas.

Catão, antigo romano, veio ao nosso encontro e, obedecendo às suas ordens, o Sombra lavou minha cara lambusada de sorvete e cingiu-me com um sapato lustroso, símbolo do Engraxate Desconhecido. Enquanto ali estávamos, chegou um lotação conduzindo muitas almas para um convescote a ser realizado juntamente com um caramelo dansante promovido pela Luci Fer.

Subimos uma colina num bondinho tipo Pão de Açúcar, por entre rochedos e espesso capim rastejante; e, enquanto fomos subindo, apreciávamos a magnífica paisagem. Anoiteceu, e paramos para ver se 10 cansava.

O monte do Pulgatório estava cercado por animais que parecia ser gado. Por um caminho cheio de salameleques, atingimos o primeiro socalco. Os espiritos com quem falávamos reclamavam a falta do leite, do pão, da manteiga, e de tudo o mais que atualmente passe para a classe das preciosidades. E com vozes dulcíssimas cantavam: "Não me importa que a mula manque". Ao subirmos ao segundo socalco, vimos espiritos invisíveis que cantavam modernas modinhas de carnaval, com notável espírito orfeônico. Soube então que aquêles indivíduos pertenciam à

A ORAÇÃO DE GETTYSBURGO

Esta memorável oração foi pronunciada em 3 de julho de 1863 por Abrahan Lincoln, logo após a grande batalha de Gettysburgo.

«Há oitenta e sete anos que nossos pais estabeleceram neste continente uma nova nação, concebida na liberdade e fundada no princípio de que todos os homens nascem iguais.

«Hoje estamos envolvidos em uma grande guerra civil, e experimentando se esta grande nação, ou qualquer outra assim concebida, e ao mesmo fim consagrada, pode durar muito. Vimos aqui para consagrar uma parte deste campo a servir de última morada áqueles que nêle deram suas vidas para que a nação pudesse viver. E' inteiramente justo e natural que assim procedamos.

«Mas, em um sentido mais lato, não podemos dedicar, não podemos consagrar, não podemos santificar este terreno. Muito acima da nossa contingente capacidade de

dar ou tomar, consagraram-no os bravos, vivos ou mortos, que aqui combateram. O mundo mal saberá e por pouco tempo recordará o que aqui dissermos, porém não esquecerá nunca os atos que praticaram. E' a nós, os vivos, pelo contrário, que compete o consagrarmo-nos, aqui, à obra inacabada, que tão nobremente fizeram progredir os que aqui combateram. E' a nós, pelo contrário, que compete consagrarmo-nos à grande tarefa que está diante de nós, e tornarmo-nos, pelo exemplo desses venerados mortos, da mais ardente dedicação à causa pela qual êles deram a mais completa prova de devição; jurarmos a nós mesmos que esses mortos não morreram em vão, que esta nação alcançará, com a ajuda de Deus, uma nova vida de liberdade, e que o govêrno do povo, pelo povo e para o povo está destinado a não desaparecer da Terra».

Transcrição de

G. M. DE SOUZA



O PROGRESSO DA AVIAÇÃO

GILMAR M. DE SOUZA

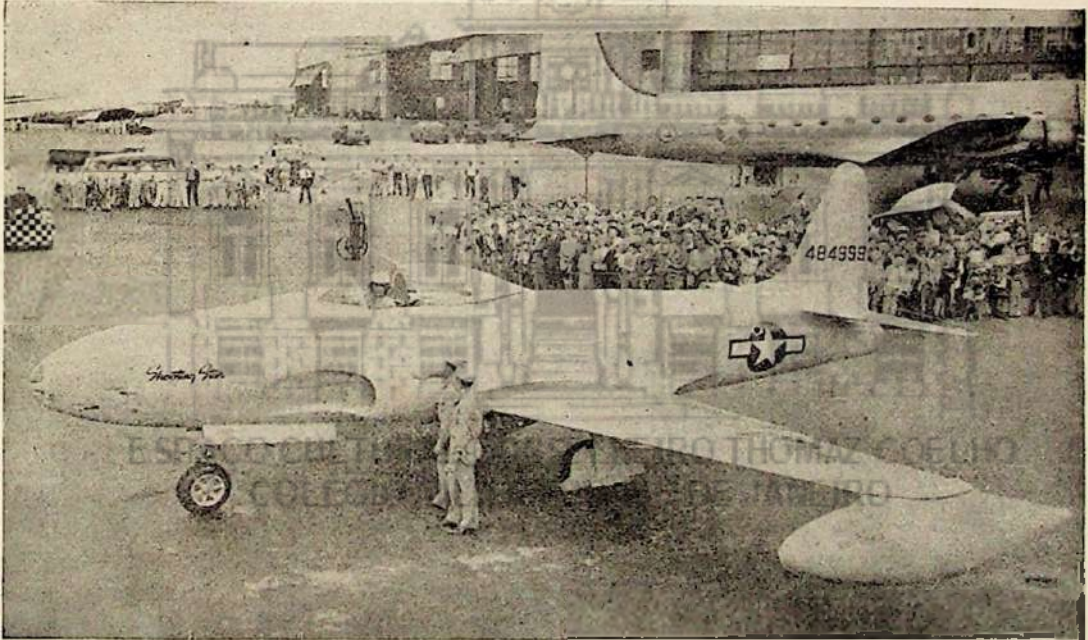
"Deves pensar que, em teu pássaro, só podes imitar o morcego, porque suas asas não são fendidas".

(LEONARDO DA VINCI)

Poderia o homem voar? Eis uma pergunta que durante séculos atormentou o cérebro dos nossos antepassados. Muitos foram os homens que estudaram o problema, que parecia sem solução.

A humanidade procurou, por todos os meios, imitar as aves em seus vôos serenos, cortando o espaço infinito com se-

controu a morte após realizar um curto vôo... auxiliado pelo Demônio! O fato mais pitoresco que conheço passou-se em Bizâncio. Um sarraceno, em presença do sultão, declarou-se disposto a «voar» em volta do hipódromo. Munindo-se de uma túnica de grande dimensão subiu ao alto de uma torre. Lá chegando ficou inde-



Avião a jato, P-80, que desenvolve 503 milhas por hora

gurança e agilidade. Para isso criaram os mais complicados mecanismos, na ânsia de também um dia poderem cruzar os céus em demanda de sua maior conquista — qual seja a dos ares.

Nas tentativas de voar o homem não mediu esforços, chegando, às vezes, ao sacrifício da própria vida. Simão Mago en-

ciso, mas a multidão, que se comprimia em baixo para assistir ao feito, gritava: «Voa, sarraceno, voa!» O homenzinho, encorajado, lançou-se no espaço... e hoje possui um epitáfio.

Todos já ouvimos falar de Leonardo da Vinci, o pintor de Mona Lisa, mas quantos não ignoram que foi êle um dos

primeiros a se dedicar ao estudo dos «Pássaros»? Quando se cansava de suas telas era na Mecânica que procurava refúgio. Durante mais de 15 anos fêz projetos de máquinas voadoras. Observava as aves que passavam nas proximidades e todos os seus movimentos eram anotados e cada um deles estudado com minúcias. Leonardo da Vinci legou-nos um pequeno livro — o Código do Vôo — no qual encontram-se grande parte de seus estudos e observações, que não foram de todo infrutíferas.

Maxim, célebre inventor inglês, construía um biplano com a forma de «V», munido de uma máquina a vapor, com o qual realizou três experiências, sendo a última de alguma importância. Após essas tentativas, Sir Hiram abandonou seus projetos...

Com Santos Dumont a aviação tomou impulso definitivo. Em 1901 ganhava êle um prêmio em consequência de sua proeza ao contornar a Torre Eiffel. Para isso o grande aeronauta trabalhou com denodo, não desanimando nunca, apesar dos con-



O 14th de Santos Dumont

Foi durante os últimos decênios do século dezenove que mais se intensificaram os estudos e experiências relacionadas com o vôo. Na Alemanha surgiu a figura de um jovem engenheiro, pertencente a um batalhão de granadeiros, Otto Silienthal, que, em companhia do irmão, executava descidas em um aparelho cuja forma se aproximava de um paraquedas. Realizaram mais de duzentos vôos e, em um deles, Otto perdeu a vida. Em 1894, Sir Hiram

tratemos que surgiam a cada tentativa que realizava, para elevar-se do solo em sua máquina. Em virtude de suas realizações aeronáuticas, recebeu consagração mundial e é hoje conhecido como o «Pai da Aviação», apesar de «alguns» não reconhecerem seu mérito...

Não seria justo deixar de citar os nomes dos irmãos Wright (Wilbur e Orville), que muito contribuíram para a consagração do «mais pesado que o ar». Pos-

suiam, êsses dois americanos, uma casa para reparos de bicicletas, mas nunca deixaram de lado a idéia de podrem, um dia, roubar às aves o segredo do vôo. Em 17 de dezembro de 1903 viram realizados seus sonhos, na Carolina do Norte. Um de seus aparelhos, transportando um homem, permaneceu no ar durante 59 segundos! Em França, no ano de 1908, Wilbur Wright elevava-se do solo com sua máquina, permanecendo no ar durante duas horas e vinte minutos. Começaram, então, os vôos de grandes percursos. Bleriot, em 1909, praticava uma façanha de grande envergadura para a época — a travessia da Mancha, cobrindo um distância de 36 quilômetros.

Não demorou muito e começaram a aparecer os «ases» da acrobacia. Eram homens destemidos que ariscavam a vida em aparelhos despidos de qualquer segurança. Êsses homens tinham um ideal inabalável, que os levavam à morte ou à glória. Êsse ideal era a Aviação. Nos vôos onde a audácia fazia mister, destacaram-se o inglês Farman e o norte-americano Glenn Curtiss.

De 1901 até os nossos dias, tem sido assombroso o progresso da Aviação. Em menos de 50 anos realizaram-se notáveis melhoramentos na navegação aérea. Em lugar das primitivas pandorgas cruzam os ares monstros metálicos. Distâncias que outrora percorriam-se em dias, não necessitam hoje mais que algumas horas para cobri-las.

Como arma de guerra a aviação é, sem dúvida, a mais eficiente, se levarmos em consideração as suas múltiplas utilidades. A Aviação militar serve para a orientação dos tiros de Artilharia, reconhecimento de posições inimigas, transporte de tropas e aparatos bélicos, destruição de objetivos e transporte de feridos para os hospitais de sangue. Seu poder destruidor ficou patenteado nesta segunda Grande Guerra que devastou o mundo; grandes exércitos foram transportados pelo ar, em pouco tempo, permitindo que se realizassem manobras estratégicas de grande envergadura.

As linhas aéreas mostram o grande valor da Aviação comercial, no transporte de grandes cargas de suprimentos para regiões menos favorecidas, com segurança e eficiência. Aviões cruzam o espaço em todos os sentidos, tornando o intercâmbio entre os povos antípodas grandemente facilitado.

A mais recente conquista da Aviação é o avião a jato. Com êle pode o homem atingir grandes velocidades, que há alguns anos nos pareciam impossíveis. Entramos agora na Era da Propulsão a Jato. Talvez dentro de pouco tempo não ouçamos mais o cântico das hélices, que nos obriga a dirigir um olhar ao céu e contemplar o Pássaro Metálico, que voa imponente, sobrepondo-se a tudo que o homem creou.

A Aviação é um símbolo do progresso humano. Seu desenvolvimento é tão rápido e assustador que talvez nunca possamos responder a essa pergunta:

«Onde paramos?».



CARLOS GOMES

O nosso maestro Carlos Gomes era uma dessas figuras excepcionais que não cedem a personalidade ao panorama das épocas, isolando-se em glória pelo próprio valor individual e que, com o correr do tempo, mais se engrandecem. Como todo homem marcado pela centelha divina êle nunca se submeteu ao destino vulgar. Muito jovem, sem recursos materiais e com escassa assistência moral, não se conformou com o horizonte estreito que lhe oferecia Campinas, seu berço natal. Sentia a imparidade entre o valor latente, que o incitava, e o palco pobre da aldeia amada, no qual recebia aplausos juntamente com a banda de seu pai.

Lançou-se à aventura e não houve nada que não arriscasse.

A princípio, o Rio de Janeiro satisfez-lhe a sede de glória. Mais tarde, na Itália, imaginou novos cenários, mais amplos, e não desmentiu sua íntima ambição, nem as esperanças dos que confiavam nele. Seus ensaios foram meias vitórias. Dentro de pouco tempo seu nome figurava nos cartazes e, daí por diante, foi-se elevando até atingir a consagração. Regido pelos ensinamentos clássicos, mas tendo levado da Pátria as visões e os impulsos originais, sua música dominou as sensibilidades, impondo-se pela energia, pela riqueza, pela vivacidade sempre renovada dos ritmos. Conheceu, então, a plenitude da glória. Couberam-lhe, como aos mais célebres compositores do tempo, aplausos apoteóticos. Viu as multidões delirarem sob as influências das criações do seu grande gênio musical. Foi aclamado e disputado, mas o vinho da glória jamais lhe turvou na mente o sentimento da Pátria, apesar de ter por cálice a Itália. Êle viu o Brasil sempre com os olhos enamorados e falava dele com orgulho e

amor. Sua ópera, «*O Guarani*», é um hino à natureza bem amada da Pátria e aos sentimentos de sua gente. À casa que mandou construir, depois de ingentes trabalhos e sacrifícios, deu o nome de *Villa Brasilia*. Êle amou o Brasil com a mesma exuberância com que amou a sua arte e sua família.

Sentindo a velhice suplantar o seu aspecto nobre, nos primeiros amargores da moléstia, todo êle pendeu para a Pátria numa irresistível inclinação carinhosa, e pôde morrer sob o céu brasileiro, entre amigos que lhe falavam no idioma que lhe plasmara as primeiras palavras.

HÉLCIO PEREIRA LEITE
(ex-aluno)

TEATRO COM... RISCO

Personagens: *Êle, outro, terceiro e Quarto.*

Época: *Segunda.*

CENÁ... RIO.

ATO ÚNICO

ÊLE — (apresentado ao OUTRO) — Encantado.

OUTRO — (debochando) — Realengo.

TERCEIRO — (não entendendo) — Está louco.

QUARTO — (explicando) — Não, Esta...ção.

WILTON

SONHANDO . . .

BRAZ MONTEIRO CAMPOS

Ao Hélio (1005), simples e afável amigo

Aula de (*censurado*)! Que sono, meu Deus!

Por mais que me esforce, não consigo manter nem os olhos abertos nem o espírito atento.

Fixo os olhos no livro que está sobre a carteira. Ele vai diminuindo, diminuindo, ... diminuin...

Eis-me em Paris, capital do mundo, precisamente na rua Monsieur Amil.

Compro um ramo de violetas e rumo para a praça Lapin, onde embarco no ônibus dos turistas, que visitará os principais castelos e monumentos franceses.

Sai o ônibus; depois de apanhar alguns passageiros na Ville de Mme. Bournot, entra no famoso Boulevard.

Já havia rodado algumas centenas de metros, quando um freio rápido fá-lo derrapar. Olho para fora e o que vejo é de se tirar o chapéu. Deitada no asfalto está uma vaca, impedindo assim, o trânsito. Assim que a vi pensei que fôsse o... porém, não... não, a vaca era malhada e ele é moreno.

Lá na frente se levanta um homenzinho com um megafone e começa a dizer: "Aqui vemos o Arco do Triunfo; sua ereção foi decretada por Napoleão em 12 de fevereiro de mem: "Vemos aqui, senhores, a Fortaleza da

Bastilha, construída pelo preboste Hugues 1806, seu construtor foi Chalgrin e ele foi inaugurado em 29 de julho de 1838.

Tem 49,555 metros de altura, 44,82 metros de largura e 22,10 metros de espessura.

Em suas paredes estão gravados os nomes de trezentos e oitenta e seis generais que perticiparam das batalhas da República e do Império, assim como, os nomes das principais vitórias francesas".

Deixa-se o Boulevard, e o ônibus envereda pela famosa rua de Freicy onde estão localizadas as casas de moda da capital francesa. Ali a "Mme. du Barry", acolá a "Barrets", na esquina a "Mode de New-York", e outras tantos magazines iam desfilar pela janela do coletivo.

"E agora", levanta-se, de novo, o tal homenzinho, "o Palácio de Luxemburgo, construído a mando de Catarina de Médicis e ocupado, atualmente, pelo Senado Federal, e, mais adiante, o Palácio de Bourbon, construído pelo arquiteto italiano Giraldini, e sede da Câmara dos Deputados".

Alcança-se neste momento, a praça de Vendôme onde se localiza a famosa Coluna de Vendôme, revestida do bronze de 1.200 canhões capturados ao inimigo em 1805.

Parte, então, o ônibus em direção da Bastilha e, em lá chegando, diz-nos o ho-

Aubriot a mando de Carlos V, tendo sua construção demorado 12 anos, de 1370 a 1382. Tornou-se prisão estadual e nela foram encerrados Voltaire, o duque de Orleans, e outros. O povo a destruiu em 14 de julho de 1789.

Aquela ilha, que vêdes acolá, é a ilha da Cidade, onde está situada a Catedral de Notre Dame de Paris, uma das maravilhas da arquitetura gótica. Sua construção começou em 1163 e a pedra fundamental foi colocada pelo papa Alexandre III e pelo rei Luis VII. Continuou-se sua construção sob o reinado de Felipe Augusto e foi dada por terminada em 1230. Vitor Hugo em seu romance histórico e descritivo, "Notre Dame de Paris" descreve-a em seus mínimos detalhes."

Enquanto o homem falava, aproximei-me de uma bela parisiense que me fitava docemente. Antes que lhe pudesse abordar, ela perguntou-me num francês aporuguesado: "Avez-vous gaita"?

Juro que "peguei sangue" pois nos meus bolsos o vácuo monetário era uma realidade cruel.

Porém, todos voltavam para o ônibus, e isto salvou-me do ridículo.

Atingiu-se dali, a praça Panteon, onde está localizado o famoso Panteon.

Disse-nos então o enervante homem do megafone: "o Panteon foi construído pelo arquiteto Scufflot; sua cúpula mede 80 m. Deveria ser uma igreja, porém a Revolução destinou-o a receber as cinzas dos grandes homens franceses, dando-lhe o nome de Panteon com esta inesquecível inscrição: "Aos grandes homens a Pátria reconhecida".

Já enjoado do tal do megafone, saltei e fui a pé até a Academia Militar de Saint-Cyr. Quando quis entrar um homem gordo e baixo me disse: "Quel est votre nombre, s'il vous plait. Vous arrivez trop tard."

Puxa, até aqui há bedel. Será possível!

Enquanto procurava convencer o homenzinho, o tal bedel francês, de que eu era brasileiro e não "topava" aquela história de ami, cheri, e outras coisas terminadas em i, notei que um vulto se aproximava. A princípio, imperceptível. Depois, foi chegando, chegando, e aí comecei a distinguir uma túnica verde-oliva, mais tarde um rosto conhecido e, finalmente, a familiar voz do professor: "Então, dormindo na minha aula. Vais já tomar um zero".

Piadas para a "Aspiração"

1) Era um sujeito tão magro, contava o mentiroso, que tinha só um olho. O outro não lhe cabia na cara.

2) Conversa entre burros:

— Olha, quando um homem fala, o outro abaixa as orelhas.

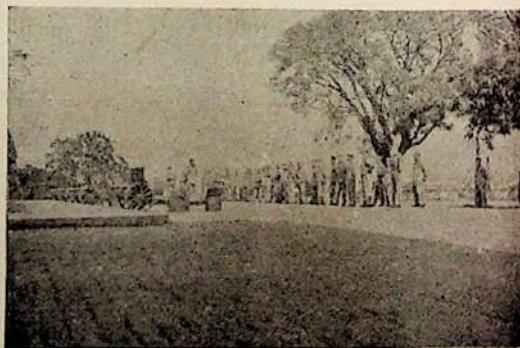
3) Esta se passou num restaurante vagabundo:

— Garçon, meu prato está molhado.

-- É sopa, cavalheiro.

4) Há a história também daquele judeu, que depois de dar a mão à alguém, contava os dedos.

ISO.



Tôda a bateria, formada para a instrução

O PETRÓLEO DO BRASIL

E', incontestavelmente, o petróleo, o mineral de maior importância política, social e econômica da nossa vida contemporânea. O dever de todo o brasileiro, nesse delicado momento internacional, é conhecer com exatidão este magno problema, pois sobre ele alicerçar-se-á o futuro de nossa Pátria!

Muitas são as nações, que, dotadas de imensas reservas do ouro negro, vivem num caos de fome e miséria. Ai as guerras e revoluções sucedem-se vertiginosamente, desconhecendo o seu povo, a causa desses infortúnios, que servem tão somente para agravar-lhe a desventura. Qual a razão de tudo isto?

— O «trust» e o petróleo!

Os «trusts» e cartéis internacionais, desconhecem os direitos do homem e das nações. Para eles não há religião, pátria e solidariedade humana: Somente o dinheiro, o petróleo!

Exemplos frisantes, como a Venezuela, o Irã a Indonésia (cujo povo heróico morre pela liberdade), mostram-nos em que nefando predomínio econômico, vive o seu miserável povo.

Nenhum país pode pretender ocupar lugar digno entre as nações mundiais, se

não tem, garantida, a posse do petróleo, fonte insubstituível de toda atividade militar, industrial e até agrícola». (André Bihel).

«Impera quem tem petróleo. Impera nos mares pelos óleos pesados. Impera nos céus pelas essenciais leves, nos continentes, pelas gasolinas. Impera no mundo pelo poder financeiro ligado a uma maté-

ria mais preciosa, mais envolvente e mais dominadora do que o próprio ouro». (Benger).

Unamo-nos, brasileiros de boa vontade, e resolutos mostremos, que aqui há, sobretudo, homens fortes e decididos, capazes de erguermos-nos por nós mesmos. Alto aclamemos (como Marechal de Ferro, Floriano Peixoto, que tendo sido inquirido sobre como receberia a Esquadra Inglesa, respondeu: «A bala!») como receberemos o dinheiro dos «trusts» para a exploração do petróleo: «A bala!».

Somos «um Gigante pela própria natureza» e se-lo-emos «pelo próprio povo», se soubermos preservar com patriotismo e imparcialidade individual, as magnas questões que se nos depararem.

Muitas conferências e debates têm sido realizados por diversos jornalistas, engenheiros e oficiais das nossas Forças Armadas. Cumpre-me destacar o gesto de patriotismo e democracia dado pelo Exmo. Gen. Cesar Obino, digno presidente do Club Militar, que nos trouxe uma luz de esperança e confiança no futuro. Promoveu conferências sob os auspícios do incansável batalhador e defensor de nossos interesses, S. Excia. o Gen. Horta Barbosa, que com a presidência do C. N. P. (Conselho Nacional do Petróleo) conheceu profundamente o verdadeiro sentido da batalha pelo petróleo do Brasil. Nas conferências a que se aludiu, este ilustre Gen. expôs seus pontos de vista, aceitando observações na mais alta democracia; preservando, antes de tudo, os in-

terêsses brasileiros. Assim se expressou numa delas:

«Vi jorrar o petróleo na Bahia, desde os seus primeiros poços. Sofri em silêncio a campanha do derrotismo. Lutei muito para vencer as inumeráveis dificuldades que surgiam a todos os instantes. Nunca tive, entretanto, um só momento de descrença ou desesperança. Confortava-me a imagem da pátria estremeçada, o entusiasmo e a solidariedade, que nunca esquecerei, de todos os colaboradores e auxiliares, americanos e brasileiros, que comigo trabalhavam. Hoje está demonstrado que o Brasil possui petróleo e que, prescindindo de auxílio estrangeiro pode explorá-lo com os próprios recursos».

Com estas palavras versadas unicamente pelos altos propósitos de bem servir a nossa Pátria, uma verdade lúcida foi comprovada, vinda de muitos anos de luta e experiência. Entretanto, há, ainda, muitos que a contestam veementemente.

Muitos que, pela doce ilusão, de não termos capacidade monetária, opinam para a entrada do dinheiro estrangeiro, por meio de sociedades mistas. (Convém salientar, que nenhum país que assim procede, tem assegurado, o controle econômico de si mesmo). Estamos vendo, atualmente, os mais adiantados países (Inglaterra, França, Argentina, México, etc.) nacionalizando todas as suas indústrias básicas, como a do aço, tecidos, carvão, meios de transportes, etc., (evidenciando-se a do petróleo, antes de todas). E estes ingênuos querendo entregar, ainda mais, a estrangeiros, o nosso petróleo!

Transcrevendo alguns trechos dos grandes homens, citados por S. Excia. o Gen. Horta Barbosa, mostrarei quão grande importância devemos dar a esta exploração por nós mesmos.

De Wilson: — «... fala-se, frequentemente, de concessões outorgadas a estrangeiros por países da América Latina; já se ouviu alguma vez que os Estados Unidos tenham feito concessões semelhantes? Em nosso país, os estrangeiros não têm tais concessões».

De Lord Loudonderry (ministro da aviação da Inglaterra): — «Devem deixar-se de lado os direitos dos particulares e os interesses criados, tendo em conta somente os interesses do país em assegurar e garantir a exploração de uma indústria de cujo florescimento depende em alto grau o bem-estar coletivo, tanto do ponto de vista do comércio e da indústria, como da defesa nacional».

O poder dos «trusts» é infinitamente grande. No próprio Estados Unidos, um dos países mais adiantados e o maior produtor de petróleo do mundo, a opinião pública e o governo são controlados pelos magnatas donos dos «trusts», proprietários de todos os meios de propaganda. Eles ditam, o governo executa!

Aquí, sempre, nós e o governo fomos contaminados por esta nefanda camarilha. A campanha do negativismo ou derrotismo que há muito se faz entre nós, conduz-nos inconscientemente, a um fim obscuro. Compete, sobretudo, a nós, estudantes e homens concientes, conhecedores deste jogo, desmascarar com verdades precisas, as infundadas mentiras que aquí se apregoam.

Avante brasileiros! Estamos numa guerra de retaguarda, influenciada por inimigos nocivos. Esclareçamos a opinião pública e mostremos que o brasileiro é, antes de tudo, um forte! Elevemos o conceito moral das massas e divulguemos a campanha do petróleo!

O futuro de nossa Pátria está em nossas mãos, e ela espera que cada um cumpra o seu dever!

IBÁ TORRES
N.º 360 — Turma XI

SUPERIORIDADE

Sentimento que se observa quando tomamos um lotação na presença de uma «big» fila de gente que espera um ônibus.

Dalton Linneu.

CUIDADO COLEGAS

PAULO CAVALCANTI DA COSTA MOURA

Cuidados colegas, muito cuidado com as Mariazinhas...

É para que você, amigo, prestes a cair no abismo, tome cuidado, passo a contar, resumidamente, o caso de Mariazinha.

Mariazinha era dessas garotas tipicamente V.O. (para os leigos: V.O. quer dizer verde-oliva, a que gosta de farda). Onde quer que houvesse um cadete, era certo encontrar-se Mariazinha. Aos sábados, no Clube Militar, era a primeira a chegar e última a sair. Nos chás-dansantes do I.E., não dançava nunca com rapazes de bigode, porque os cadetes não usam bigodes. Nas horas vagas, estudava com afinco os regulamentos militares, e ninguém melhor que ela os sabia e criticava. Quando conversava com as amigas, só falava em giria, para que, quando "as praças" do "1.º pel" ou da "3.ª bia" chegassem, ela já estivesse bastante treinada. Houve mesmo uma vez em que chegou a resolver um problema de estratégia...

Enfim, era destas moças que sabem da vida de todos os cadetes e estão a dar qualquer parecer sobre os costumes militares.

Passemos aos fatos:

Na época de que falo, Mariazinha andava saltitante, irradiando felicidade por todos os poros — namorava um cadete!

O infeliz era do 2.º ano de infantaria, e a havia conhecido numa festa do Tijuca. Com a prática, que não era pouca, Mariazinha estava tão bem informada que conversava com Carlos (era este seu nome), com o mesmo desembaraço de que qualquer colega de Escola. Andava sempre com alegorias à infantaria; sabia todas as canções dos infantes; recitava de cor e salteado a formação dos regimentos; sabia a nomenclatura das armas e conhecia, na perfeição, a vida de Sampaio.

Tanto fêz, tanto cantou, tanto marchou, que o infante resolveu fazer a "retirada".

Mariazinha desesperou-se. Nunca mais olharia para uma farda. Antes a morte que namorar um cadete!...

Todavia, passados os tempos, certa noite de festa, Mariazinha localizou um pobre "observador avançado", não tendo, porém, lo-grado alcançar o "inimigo".

Passou, então, a caçar cadetes, fôsse de arma fôsse, contanto que fôsse da Escola Militar.

Ainda assim, acabou desistindo, porque "as feras de Resende" já possuíam sua "ficha" e não cairiam mais no laço.

Passou-se para a Escola Naval.

Ainda assim, a sorte lhe fugia. Não conseguira um só aspirante, nem mesmo do Curso Prévio.

Resultado: passou-se para as Forças Aéreas.

Seu primeiro contacto com os gaviões, foi, por certo, animador. Num desses bailes "caça-níqueis", Mariazinha resolveu dar um piquê sobre um inocente "fabinho" solto no salão. O rapaz, pobre infeliz, passou a fazer "um vôo cego" sobre aquelas paragens, e Mariazinha conseguiu "laçar" o pobre infeliz.

Pouco tempo depois, advertido do abismo em que se debruçava, o nosso herói resolveu largar a "bomba-voadora" que carregava. Mariazinha parecia daí por diante, verdadeira "granada de mão", que passava por todos os cadetes; mas nada! Os aeronautas fugiam-lhe, como fogem das tempestades.

Resolveu Mariazinha lançar mão de um último recurso. Seu plano não poderia falhar: namoraria um aluno do Colégio Militar, e criaria seu futuro "cadete" até que este entrasse para uma das Escolas. Aí já estaria garantida.

Numa destas festas de formatura, Mariazinha compareceu numa elegância nunca vista. Seu andar era de rainha, seu olhar de deusa. Talvez até, o amigo, dela se lembre, era aquela morena "fiu-fiu" que estava junto à porta.

Começou a executar seu plano. Olhou insistentemente para um de nossos colegas, que chamaremos Juca, até que a vítima veio dançar com ela. Palestrou amigavelmente com nosso amigo até seus planos para o futuro; quando soube que Juca ia para Resende, a palestra, de amigável, passou à apaixonada. Nosso amigo caiu na armadilha e enamorou-se de Mariazinha.

Ficou convencidíssimo. Quando passava por um "bicho", empertigava-se para receber

(Continua na pág. seg.)

CREPÚSCULO NA SERRA (FANTASIA)

MAURÍCIO LEITE
Ex-aluno

DEDICADO AO TIO JOAO QUE AMA DE FATO A NATUREZA

O sol, ainda sonolento, aos poucos, abandonava seu leito atrás da serra, para depois mostrar, enfim, sua cabeleira loira e luzente.

Zeloso sempre o fôra: aqueceu a natureza, deu-lhe um banho de ouro, espantou o nevoeiro preguiçoso nas matas, enxugou o orvalho das flores. Cobriu em tons de topazio os feios telhados da antiga mansão, onde, trissando, as andorinhas refestelavam-se ao seu calor, coçando felizes o alvo papinho.

Comumente, preferiam elas o telhado fronteiro à minha janela.

Dalí, me era dado a admirar, em festival de côres, o jardim cercado de "buxos", enfeitado de papoulas vermelhas e roxas, parecendo-me feitas de papel crepon; margaridas jaldilinas bordadas em tapete de relva verde; rainhas margaridas entonando trajes roxeados, nevados, rosados; cravinhos carmesins, boiando num mar de ervas esmeraldinas; violetas ametísticas, rosas sanguíneas. Perto do tanque, curelada de samambaias, no qual rabeavam peixes japoneses, havia um enxame das delicadas florsinhas de mel; viviam, tingidas de anil, as escovinhas ou "flôr dos trigais" na companhia de azálias. Por volta, saltavam sãbiãs de peitilho acanelado, canários da terra corruchavam, beliscando no chão, grãosinho de fubá.

Do rústico alpendre, à frente da casa, recamado de buganvilias, os meu olhos alcançavam uma ampla vista da mata exuberante, pontilhada de pinheiros gigantes com seus

(Continuação da pág. ant.)

uma continência. Quando o "bicho" não fazia a continência, Juca, na segunda-feira, conversava com êle, em particular. No Colégio, de espaço à espaço, proclamava a altas vozes a beleza, a graça e o encanto de Mariazinha. Tudo corria bem.

Um dia, entretanto, Mariazinha encontrou um cadete de infantaria e, de repente, eclipsou-se o amor por Juca.

Já não se via mais o Juca no Colégio. Quando lá aparecia, estava sempre mal humorado e nunca mais estudou.

Resultado: segunda época e reprovação.

Mariazinha no seu "ciclo armado", já está na Naval.

Por isto repito: Cuidado colegas, muito cuidado com as Mariazinhas.

grandes ramos à guisa de candelabros. Arrogantes, pretenciosos entre si disputavam entre eles, sobressair mais no fundo azul-celeste do céu. Lembrando árvores de Natal, fileira de ciprestes beiravam trilhas, sombreando além uma palhoça que fumegava vagarosamente, indo a fumaça, arrastando o véu branco, pairar no ar, como se estivessem cochilando. Lá, a galinha d'angola soltava seu canto rouquenho, e, algures, João-de-Barros apressadamente, desatavam gargalhadas.

Caboclas lavadeiras, estendiam no varal roupas pobres, de côres berrantes, depois de ensaboá-las no riacho próximo, cujas águas gorgolejavam, tropeçavam nos cascalhos, susravam, desmanchavam-se em rendas. Mas, o que mais me empolgou a atenção, sugerindo ter saído de qualquer revista americana, era de ver o tié-sangue e o azulão de encontro ao verde carregado dos cedrinhos. Sem dúvida, a manhã era jovial, albente, farta de luz, quando a natureza sorria na claridade do sol, na policrômia das flores, no perfume das matas, no canto dos pássaros...

Após a canícula, sai a passear pelas cercanias.

Céu sem nuvens. Azul-diáfano. Margaridas do campo rescendiam, vadiavam borboletas multicolors. Adejando alto, passaram arreliantas, bando nômade de maritacas. Através das tabocas, na baixada charcosa, cheia de juás, marcelas, carrapichos, aranhas urdiam teias. Junto do monte de cupins, vi um lagarto papujando.

Aquela hora o silêncio não era pouco, quebrado apenas, de momento, pelo farfalar leve das ramagens, agitadas pela brisa.

Adiante, floresciam pessegueiros, quais cerejeiras do Japão, onde presenciei a cena chistosa, muito engraçada mesmo, do tico-tico, passarinho tão pequeno, dando comida ao marmanjão do preto chupim. Nesse tempo o sol acendia uma fogueira no horizonte. o fogo alastrou-se pelas nuvens, esgarçando-se em listrões doirados.

Hora do crepúsculo...

A mata, envaidecida, prevendo a sua chegada, parecia adornar-se, enfeitar-se melhor, vestindo-se de outro verde...

(Continua na pág. seg.)

A G U E R R A

Quanta infelicidade traz a guerra!
Quanta miséria e sofrimento proporciona!
Quantos lares demancha! Quantas trevas
faz baixar sôbre a humanidade!

Vou contar algo, muito ligado à última guerra.

Um jovem rapaz, estudante de Direito, contava 19 anos, quando o Brasil declarou guerra ao Eixo. Sua vida era calma. Vivía unicamente para os estudos, para a família, e para mais alguém... Ao que não se relacionasse com isso, pouca importância êle dava. Estudava até altas horas porque, durante o dia, trabalhava para o sustento da família. E era muito feliz. Veio a guerra, e com ela a convocação. Não desertou, nem tentou passar por doente. Em criança aprendera a encarar a vida como ela se apresenta, e não tentar moldá-la a seu gôsto. Por 3 meses ainda ficou em solo pátrio. Depois partiu... Tudo pareceu, então, tornar-se negro. Dava a impressão que o manto da noite, com seus mistérios indecifráveis, havia caído sôbre aquela família.

O tempo corria. De vez em quando, uma carta chegava àquela casa. Vinha de muito longe, de além-mar, trazendo notícias do jovem. Decorrido um ano, mais

(Continuação da pág. ant.)

Anús, como de costume, piavam na grimpada das árvores. A tarde declinava tristemente bela. Esfriara bastante: as navalhas da brisa gelada me cortavam o rosto. Sapos coachavam. Grilos faziam cri-cri nos capinzais. Soou, lúgubrememente, o piado do môcho.

Ao longe, a igreja dos franciscanos cantava pela voz dos sinos. Vagalumes pingavam gotas de luz na escuridão da noite.

Voltei pensativo, meditando na magnificência da criação de Deus, confirmando com a cabeça o que lábios não pronunciaram naquele instante:

"A beleza é silenciosa, mas fala aos nossos corações com eloquência."

ou menos, chegou às mãos da família aquela que seria a sua última carta. Naquelas linhas bem feitas, vinha estampada a grande vontade do regresso, a grande esperança de voltar...

Porém Deus não quis que assim fôsse. Seu destino já havia sido traçado. Mais algum tempo, dois meses talvez, chegava às mãos de sua pobre mãe, um boletim do Ministério da Guerra. Suas únicas palavras foram: Êle morreu... E nada mais aquela senhora pronunciou. Dois dias depois um féretro partia daquela casa.

Quanta esperança morreu naquele peito jovem e forte que lutava longe! Quanta felicidade poderia êle ter desfrutado, e que nem sequer experimentou! Quanta vontade, quanto ardor pereceu naquele corpo cheio de saúde!

Deixou uma lacuna considerável no coração de todos, principalmente no meu, porque era meu irmão!

HERMAN ROENICK

Turma XXII — 738.

RESPONDA:

Por que a Marinha ainda não nacionalizou os turcos dos escaleres?

Dalton Linneu.

ENTENDA-SE

Descarado — E' todo o indivíduo que tem caras para tudo.

Dalton Linneu.

REFLEXÃO

Se uma bomba atômica faz grande estrago, uma bomba molecular faria muito mais.

Dalton Linneu.

TRABALHO E HONESTIDADE

(Transcrito de uma prova de Português)

Mui de propósito, não escrevi em casa a minha dissertação sobre o tema proposto para a prova, a despeito de ser mais que suficiente para tal, o tempo que me fôra concedido. Preferi, embora em prejuízo do estilo, fazer agora essa redação, ouvindo apenas o que me dita a consciência, sem maiores preocupações da forma, pois bastante empolgante se me afigura o assunto.

Quando ao título, acho que se pode resumir somente em «honestidade», pois esta palavra, em sua acepção completa, já a noção de trabalho. E é essa palavra que significa o requisito número um da vida. De nada vale sabedoria e poder sem retidão de caráter. E é esse, justamente, o maior mal do nosso país, como de todo o mundo. «Transmitir sabedoria, sem plasmar o caráter, é crime. E' dar armas a criminosos». Doutores, letrados, temo-los muitos, mas as faltas mais graves partem justamente desses elementos da coletividade. Dizemos as mais graves, porque o ignorante tem, muitas vezes, as portas do bom caminho fechadas a êle pela ignorância total, que cega e desorienta. Como, porém tolerar a falta de uma pessoa culta, que conhece o seu dever, que tem uma noção de seu lugar no mundo, na coletividade? Perdoar-se-ia ao inconsciente, não se desculparia ao poderoso. Infelizmente, porém, a sociedade parece ter e invertido a ordem lógica das coisas. Pune-se o desprotegido da sorte, o único que devera ter seu êrro olvidado. Aplaudese ao rico, ao poderoso, ao culto, o que merecera ser repudiado, na desonestidade, com asco ostensivo. Esses então, ao invés disso, recebendo homenagens servis, vendo curvarem-se ante êles os que não têm coragem de proclamar sua desonestidade. para os governantes relapsos? Onde as masmorras em que jovessem desmasca-

rados aquêles que enricam à custa de postos oficiais, de cargos administrativos? Onde a repulsa aos que galgam posições por caminhos ilícitos? Onde as severas punições para os maus educadores, para os professores sem consciência, que deixam passar alunos incapazes, quer por aceitação de pedidos, quer por beneplácito a ilegais meios de provas? Onde as providências efetivas contra a desonestidade escolar, contra a «cola» - roubo de nota -? Seria ilícito desistir, então? A resposta é uma única: Não importa que muitos pseudo-honestos o façam. Não importa que muitas bocas se caleem, cansadas de apregoar um credo que se lhes afigura inútil. Desistir, nunca! E àqueles que pregam a honestidade só para numa simulação indecorosa, porisso que só o fazem como máscara de seus propósitos vís, dedique-se-lhes o maior dos desprezos. Que dizer, por exemplo, de um aluno que tenha feito esta mesma prova, utilizando-se da «cola», ou pensando passar por «pistolão», e que esteja nesta redação lançando todo seu verbo hipócrita contra as instituições desonestas escolares? Não será um tipo dos mais mesquinhos de vileza, o ocultar-se sob uma pretensa honestidade?

Ante a exposta crise de caráter, infelizmente muito do nosso Brasil, à juventude que ainda não foi corrompida só resta uma alternativa, na luta titânica contra o mal ameaçador. Nunca sejamos coniventes na desonestidade jure-mo-lo. O lema se nos afigura único: Persistir, persistir sempre.

«O BRASIL ESPERA QUE CADA UM CUMPRA SEU DEVER».

RUBENÍ TORRENTS PEREIRA

ORGANIZAÇÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Poesia



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

RUTH

CARLOS N. DE OLIVEIRA GÓES

Ex-aluno

*O coração tão jovem, já cansado,
Triste vivia em plena flôr da idade,
Na vã procura de um amor sonhado
Como um cego que busca a claridade.*

*E, assim, de sonho em sonho imaginei-a
Tal qual Você é: formosa, meiga e pura.
Botão e rosa cujo olhar semeia
Uma paixão febril que não tem cura.*

*Melhor fôra, talvez, não conhecê-la
Do que sofrer agora êste tormento
De vendo-a junto a mim ter que perdê-la.*

*Melhor fôra, talvez, e se o lamento
Não será por fraqueza, é que esquecê-la
Com um esforço atroz, debalde tento.*

A Teu Pedido

MOACYR DE OLIVEIRA SANTOS

A E. T. B.

Há muito tempo não escrevo um verso.
Só tu, mesmo, querida, e a teu pedido,
Saio do sono em que me achava imerso,
Algum tempo das musas esquecido,

Para tentar no mundo tão disperso,
Dos sonhos, reviver o já perdido
Amor das coisas belas do universo,
Que para mim não fazem mais sentido.

Entretanto ao teu desejo, querida,
A luz do amor que para mim é vida,
Foi para minha alma a bela inspiração.

Deixo, pois, derramar no teu caderno,
Tudo que possam de sublime e terno
Transmitir, os versos do meu coração.

Devaneio

À S. N.

Sòmente aquela vez nos encontrámos.
E foi só uma vez,
Apenas uma vez que nos beijámos,
Apenas uma vez...

Só uma vez tão puro amor sentimos,
Apenas uma vez,
Porque apenas aquela vez nos vimos,
Sòmente aquela vez...

Desde então nunca mais tive-a comigo
Porque só uma vez,
Apenas uma vez sonhei contigo,
Sòmente aquela vez...

DALTON LINNEU VALERIANO ALVES

MENTIRA

CLEVERSON DA SILVA GOMES

Ao colega "Chico", 563, que gostou d'êste soneto.

Ainda lembro a tua formatura !...

Lembro as valsas dolentes que dansámos !...

Que noite ! Feliz noite de ventura,

Em que primeiramente nos beijámos !

Ajuntando uns retalhos de amargura,

Arquitetei, dizendo: "Arquitetámos"...

Verdade é que não houve a formatura

E verdade é também que nem valsámos.

Assim sempre sonhei-te para mim:

Uma jóia entre jóias, um jasmim,

A quimera que vivo a desejar.

Confessando melhor, tu não existes,

Jamais te vi, também nunca me viste.

E é bom saberes que não sei dansar ...

MANHÃS

N A R O Ç A

Letra de TÚLIO BÁRIO
Ilustração de ISNARD

A ASPIRAÇÃO

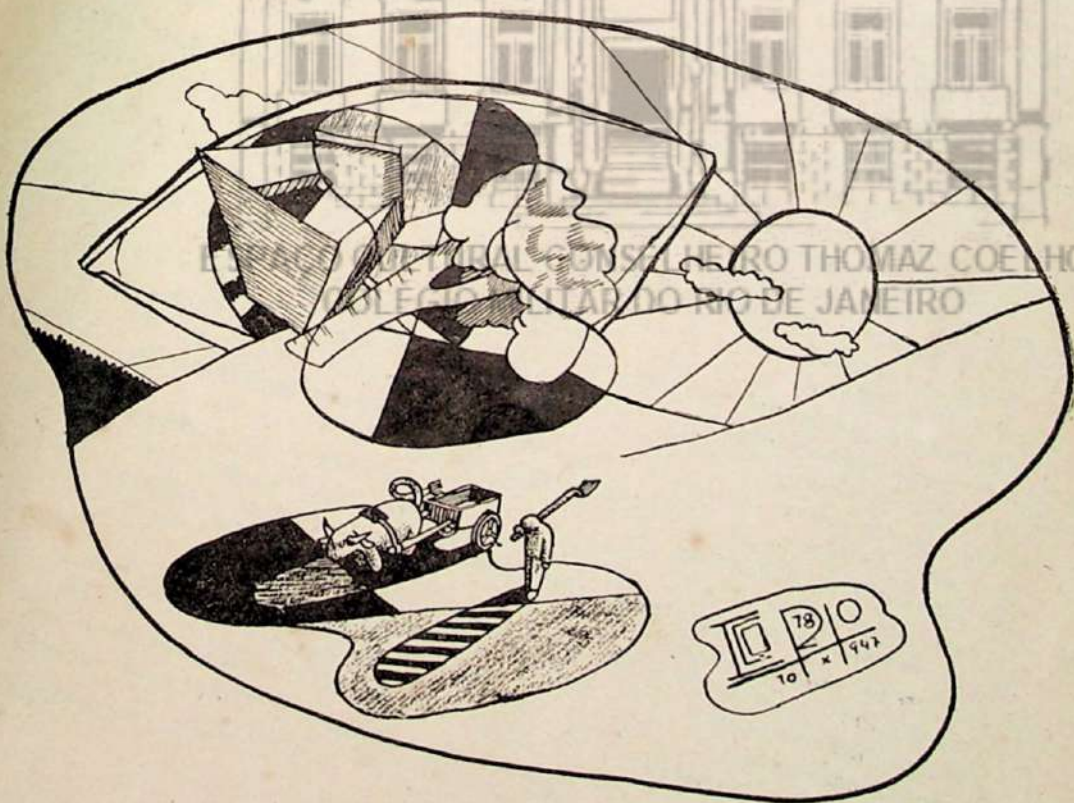
51

*Oh! como é doce ver,
Com todo fulgor e beleza,
Lá na roça o aparecer
Do sol com sua realeza,*

*Ao caminhar na fértil terra
Na qual nós vamos trabalhar,
E ver a beleza que encerra
Do sol, lá longe, o despontar,*

*Com a carroça devagar,
Vermos do alto de uma colina
U'a vaca também trabalhar,*

*O sol a banhar uma choça
Com luz clara, quente e felina
Numa dessas manhãs na roça.*



A CARGA DA BRIGADA LIGEIRA

(ALFRED TENNYSON)

Meia légua
 Meia légua
 Meia légua à frente.
 Para a frente avançando
 A famosa Brigada
 E, então, éle bradou
 «Carga aos canhões! Avante!»
 Pelo Vale da Morte
 Os Seiscentos galopam!
 E avançava
 E avançava
 A famosa Brigada
 Não havia, porém,
 Um só desanimado!
 E no entanto entre éles
 Alguns já sabiam
 Que alguém ali errara lamentavelmente!
 Mas a tropa fiel e brava silenciava
 E avançava e morria;
 E morria e avançava!
 Pelo Vale da Morte
 Os Seiscentos galopam!
 Tempestades de tiros
 E de bombas explodem,
 Trovejando os canhões
 Em todos os setores;
 Embora ensanguentados,
 Às portas já da morte
 Avançam sempre e sempre
 Na boca do Inferno!
 Pelo Vale da Morte
 Os Seiscentos galopam!
 Lampejam os sabres nús
 Volteando-os no ar;
 O inimigo carregam
 Na ponta da lança,
 (E enquanto tôda a gente
 à volta se admira,
 mergulhando na fumegante bateria;
 Sempre em direção às linhas
 Derrotaram os Cossacos e Russos
 Contra quem lutavam!
 Cambaleando febris
 No entrechocar dos sabres,
 Esmigalhada a tropa
 E já partida ao meio

Pelo Vale da Morte
 Não galopam mais
 Os Seiscentos Heróis
 Da famosa Brigada!
 Tempestades de tiros
 E de bombas explodem
 Trovejando os canhões
 Em todos os setores!
 Agonizantes tombam
 Os heróis e os cavalos
 Retornando à Paz,
 Por que tanto lutaram,
 Pela porta da Morte
 Que os conduz à glória!
 Pelo Vale da Morte
 Não galopam mais
 Os Seiscentos Heróis
 Da famosa Brigada!
 Indelével estará
 Nas páginas da História,
 O nome dos Heróis
 E da Brigada,
 A GLÓRIA!

Tradução de:
 MAURÍCIO BRET e WILTON M. B. MELLO

DERROTA

à M. L. V. L.

Venceste-me...! Não bem tu
 Mas o amor do coração
 Que do ciume cruel, nu,
 Esqueceu toda a razão.

Embora justa a emoção
 De revolta, que sentí,
 Seria amarga a ilusão
 De viver longe de ti.

Ante isso me acovardei,
 Cheguei a pedir perdão,
 Pois tu sabes, também sei,
 Não se engana ao coração.

PAULO MONTEIRO LIMA

O Trabalho

Ao ilustre e digníssimo Cel. Comte. do Colégio Militar
 do Rio de Janeiro: João Dantas Ribeiro.

*Companheiros de luta! irmãos de vontade,
 se trabalhais em pró da Humanidade,
 não vos custe sofrer;
 não prossegui, prossegui! é bem sagrado
 o trabalho do obreiro dedicado,
 que, ao invés do prazer,
 prefere uma existência entremeada
 de dor. A criatura encaminhada pela senda da luz,
 não receia os clamores da incredulidade
 e tudo, tudo sofre em amor à Verdade,
 em amor a Jesus.*

*Nada pôde tolher os passos de guerreiro
 que destemido vai, segue altaneiro,
 bem como o Galileu;
 e quando, enfim, após a santa luta,
 recebe os frutos dessa árdua labuta,
 ergue os olhos ao céu,
 graças entoando ao Salvador querido,
 que dá forças ao sérvio combatido
 pelo rude labor.*

*Jesús, em espírito, é eterno guerreiro,
 espalhando sempre, pelo mundo inteiro,
 o grão fulvo do amor;
 Ele o mansueto e santo Nazarêno,
 que tinha o olhar tão cândido e sereno,
 a umilde suportou atroz suplício
 por verdade pregar.
 É que Ele preferiu o sacrifício
 ao Crasso Erro alvar.*

*A montanha é bem alta e mui dificultosa,
 é a ascensão, porém,
 o que fortificar a luz grandiosa
 da Fé, que impele ao Bem,
 será recompensado após a lida,
 terá o galardão que na Curta Vida
 outorga o Creador
 ao que haja sido sérvio obediente,
 e que ao fim do viver resplandecente
 vò para o Senhor.*

*E, quando deparardes nos caminhos
 amarguras cruéis e os espinhos,
 que são as provações,
 buscai na Paz o santo lenitivo,
 o remédio eficaz e o incentivo
 para as vossas missões.*

Rio, 1/V/1947.

JOÃO DE CASTRO MOTA
 Funcionário do Colégio Militar

A Volta Do Pracinha

QUENUSTE MANOEL GONÇALVES.

Quando partiste desta amada terra
Deixando os teus queridos lacrimosos
Para ir lutar em campos perigosos
Pela defesa excelsa dum ideal;

Levaste, certamente, uma esperança
A de lutar, sofrer, talvez morrer
Para a ressurreição da Liberdade
Submersa pelo infame e vil traidor
A quem tiveste a glória de vencer.

Hoje que voltas a êste berço amado
Trazendo as palmas de um troféu faustoso
Para rever parentes e queridos
Que aqui deixaste orando em teu favor,

Deves curvar-te reverentemente
Agradecendo ao Todo Poderoso
O Seu cuidado excelso e mui glorioso
Em te guardar pelo Seu grande amor.

Aceita, heroi "pracinha" as boas vindas
E os gratos votos de felicidades
Deste que aqui ficou intercedendo
Ao Deus supremo para te guardar.

Possam teus pais, amigos e queridos,
Também louvar a Deus agradecidos
Por teu regresso ao teu saudoso lar.

Olhar Tristonho

*Por que me olhas assim ?
Não vês que padeço
De ver-te com êsse olhar tristonho ?
Com franqueza,
Quase que eu enlouqueço,
Se não te vejo,
Como te vejo em sonho*

*Por que me olhas assim ?
Não vês que êsse olhar
Que tens firmemente
Faz sofrer atroz
E delirantemente
O meu coração,
Sem tréguas e sem fim ?*

*Se queres — que não mais padeça . . .
Se queres — que não mais enlouqueça . . .
Eu te peço, num soluçar sem fim,
Não me olhes triste assim.*

ATALIBA MURCE

Dois Beijos

DALTON LINNEU VALERIANO ALVES

*Lembro-me agora do primeiro beijo,
O mais ardente, o mais apaixonado,
Todo emoção, repleto de desejo,
O mais romântico que me foi dado;*

*Um beijo cheio de amor e ternura,
Maior prova do mais sublime afeto
Que me dedicou aquela criatura,
Sempre viva em meu coração inquieto.*

*O último beijo foi de despedida:
Estavas branca e eu triste, muito triste
Ao ver-te sair; estavas de partida.*

*E, desesperado, beijei-te, então.
Rolaram lágrimas quando saíste
Muito branca, deitada num caixão...*

Quando...

DALTON LINNEU VALESIANO ALVES

Quando se aproximar a grande curva
Da vida; quando as forças te faltarem;
Quando tua visão tornar-se turva;
Quando necessitares que te amparem;

Quando pensares só nas decepções,
Em tuas horas de dor e de tristeza;
Quando viveres das recordações
De um passado de luta e de dureza;

Quando tenhas vivido muitos anos;
Quando não mais achares um abrigo
Nem consôlo pra tantos desenganos;

Lembra-te, Pai, que o filho que criaste
Não te esquecerá e viverá contigo
No aconchêgo do lar que edificaste.

Ao SOLDADO

EDGARD A. ROMÉRO AMORIM

Oh soldado heroico; bravo mortal
Que defendes com ardor tua nação
Quantas vèzes tombando ao golpe fatal.
... E morre no peito teu coração.

Herói oculto. Soldado valente.
Nos campos, nos ares, nos mares,
Morres, mas morres contente
Por, a farda da pátria, envergares.

Tu que enfrentas sem temor,
O inimigo que quer tirar-te a vida
Não por ti, por tua pátria, lutas com valor.

Com toda a emoção e humildade,
Rendo-te a minha homenagem comovida
A ti, soldado, que morres por nossa liberdade.

Rio, 20 de Outubro de 1947.

Curiosidades



E SPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

ADEUS, FELIZARDOS!

(Aos nossos queridos colegas da 3.ª série científica).

POR EX-GORDO

A sua partida é algo que nos comove profundamente, pois já estávamos sem esperança de que fossem embora.

Vocês foram verdadeiros heróis do curso. Aguentaram um ano cheio de amarguras e aborrecimentos, como andar a cavalo, andar de jeep, dar instrução; e (pobrezinhos!) tiveram que dar serviços. Ah! que serviços! Eram obrigados, quando de serviço, a jantar no cassino dos oficiais; andar pelo colégio (na hora das aulas) e, para o cúmulo dos cúmulos, ir às cinco horas, para o portão, ver aquelas gurias do «Rabelo» sorrirem. Ah! como ficavam contragidos, quando tinham que «torrar» um colega. Faziam-no, apenas por obrigação.

Os que aqui ficam estão alegres com a sua partida, pois sabem que vocês vão ter agora uma vida melhor, mais descansada, mais cômoda. Alguns irão para Agulhas Negras e lá terão outra vida. Ah! terão direito a tudo... uma vida de prin-

cipes! Esperando-os estão os cadetes, para os acolher carinhosamente. Ah! como os invejamos! Dizem que Rezende é uma cidade completa; nada lhe falta, desde «gurias» lindas, até um clube, o «C. C.», que ao meu ver, quer dizer Clube Completo.

Vocês não terão o aborrecimento de, todo dia, pegar um bonde, para vir ao colégio e outro, para voltar à casa. Lá, descansarão, só tendo de viajar de dois em dois meses. Não verão esta cidade, com suas praias imundas, os cinemas da praça desprovidos de «gurias», com sistema de ar refrigerado sempre defeituoso; não serão obrigados a ir aos bailes do Clube Militar, do Tijuca, do Botafogo, etc.; não sofrerão os apertos de um campo de futebol aos domingos, nem os do Jôquei. Ah! quanto descanso e tranquilidade!

Assim, colegas, por vê-los partir para uma vida melhor, nós nos despedimos profundamente alegres.



TENTE RESOLVER

LÉO S. P. DE ABREU

PROBLEMA:

Um viajante parte em direção ao Sul. Depois de marchar X km. crava uma bandeira no local onde parou. Inicia, após, uma etapa rumo Leste e anda Y km. No fim deste percurso encontra-se em um ponto que dista do ponto de partida duma grandeza linear igual a que vai deste ponto à bandeira. Dizer quantos e quais são os pontos da Terra donde o viajante poderia ter partido, para que isso acontecesse.

SOLUÇÃO:

O primeiro ponto que satisfaz ao problema, no qual logo pensamos, é o Polo Norte. Assim, um viajante, partindo do Polo Norte para o Sul, após caminhar X km. encontrar-se-á sempre sobre um paralelo qualquer. Ora, se êle toma então a direção Leste, êle passará a andar sobre o tal paralelo, e, ao cabo de Y km. de caminhada, estará ainda sobre o mesmo. Como todos os pontos de um paralelo são equidistantes dos polos, temos que a distância que vai do ponto final da viagem até o Polo Norte é igual à que vai deste polo ao ponto do paralelo onde primeiro o viajante tocou e cravou a bandeira, para depois seguir rumo Leste.

O Polo Norte, no entanto, não é o único ponto a satisfazer o problema. Existe uma infinidade de pontos que o satisfazem. Vejamos:

Haverá sempre, no hemisfério Sul, um paralelo de Y km. caso êste comprimento seja menor que o do Equador. Caso contrário, haverá, entretanto, um paralelo de comprimento divisor de Y km. Chamemos tal paralelo de A . Ora, a X km. ao Norte de A , existirá também um paralelo. Êste paralelo tem um número infinito de pontos, todos êles satisfazendo as exigências do problema.

Tal fato é certo. Se o viajante partir de qualquer dêles para o Sul, depois de andar X km. estará sobre um ponto do paralelo A . Ali cravará êle a bandeira. Inicia então a etapa para Leste, de Y km. Como A mede ou Y km. ou comprimento divisor de Y km., o andarilho dará ou uma ou mais voltas completas no paralelo A . Dando voltas completas, êle voltará sempre ao local onde cravou a bandeira, e teremos então a distância que vai do ponto final da viagem ao ponto inicial, compreendida com a que vai desse último ponto à bandeira. Se as distâncias são as mesmas, são iguais.

Obs. — No hemisfério Norte há um paralelo A que tem comprimento igual ao A . de X km. for uma distância menor que a que vai de A' ao Polo Norte, também será possível haver no hemisfério Norte uma solução idêntica a última deduzida.

Tipos do Colégio

EX-GORDO

I

Aquêlê que veem, o cavaleriano,
 Todo engomado, de bota lustrosa,
 Não é sempre do terceiro ano,
 Mas sempre mascarado e prosa.

II

Aquêlê outro all, o bateriano,
 Reconheço-o pela envergadura.
 Não é sempre do terceiro ano,
 Mas sempre é caradura.

III

Ah! aquêlê é o infantariano!
 Olhe como parece elegante!
 Não é sempre do primeiro ano,
 Mas é sempre um sujeito amolante.

O MOSQUETEIROS ATLÉTICO CLUBE

ROBERTO ANGELO DE BARROS

Quasi todos os alunos conhecem o clube de camiseta azul-e-branca, que joga no campo do Colégio, aos sábados. E' talvez um time de modestas pretensões técnicas, mas a fibra e perseverança de seus componentes, aliadas ao amor que dedicam às cores que defendem, têm-lhes dado magníficas vitórias.

Aos nove de Agosto de 1946, quando só havia no Colégio um clube — O Xavantes — é que foi fundado o MOSQUETEIROS. Os primeiros dias de sua existência foram épicos ou mesmo penosos e exigiram muita devoção e espírito de sacrifício de quantos alimentaram a idéia de vê-lo crescer e se tornar um clube tão



Time do M. A. C., que derrotou, por 8x2, o E. C. Carioca, por ocasião do compromisso em que os visitantes eram francos favoritos.

real quanto o é atualmente. Sim, porque na época de sua fundação o MOSQUETEIROS era algo de abstrato, ideal, e muito poucos acreditavam na sua concretização. Fundaram-no o então aluno 438, hoje cadete da Aeronáutica, e mais os de números 387 e 1015, hoje Presidente e Vice-Presidente do clube, respectivamente.

Nas primeiras partidas que disputou, o M. A. C. foi representado por um «onze» que, examinado homem por homem, era motivo de riso, mas cuja fibra foi sobejamente demonstrada nas canchas do Colégio.

Durante o transcorrer do ano presente, voltou a brilhar o MOSQUETEIROS em suas tardes desportivas no Estádio Capitão Miragaia. Houve dias em que a sorte o acolheu, mas outros houve em que a adversidade o perseguiu. Seus representantes, entretanto, experimentados duramente em 1946, não acharam dificuldade alguma em conduzi-lo no ano atual. E assim é que o MOSQUETEIROS continúa seguindo a sua trilha, buscando sempre a disciplina, a coesão e, acima de tudo, a lealdade. Seu lema é aquele dos personagens de Dumas: «um por todos e todos por um». E, ainda, mais: Deus com todos e por todos.

O time da camiseta alvi-celeste pleiteia a amizade e preferênda torcida. Êle quer que o futebol do nosso Colégio progrida sempre, e procura cooperar para isso com uma pequena parcela constituída de seus poucos recursos técnicos, mas de sua lealdade e disciplina sem par.

Torcedores do MOSQUETEIROS! vossa escolha será retribuída. Lutaremos por corresponder à expectativa. Nossa gratidão ao vosso imprescindível apôio de torcida será eterna. Precisamos dele e o pedimos.

Ao falar sôbre o M. A. C., não poderíamos deixar de lembrar os nomes do Capitão Jucá de Melo e de seu sucessor, capitão Albino da Costa. O primeiro auxiliou a concretização do clube, na época de sua fundação. O segundo, no último semestre do ano corrente, com atenção desinteressada, conquistou a nossa amizade, como, aliás, a de todos os alunos.

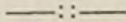
Torcedor amigo! o MOSQUETEIROS conta contigo!

CURIOSIDADES MUNDIAIS

ALUYSIO DE MORANDA REIS
Aluno 457

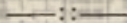
Vocês sabiam que...

Até o século XVIII havia na Inglaterra o seguinte costume: Nos anos bissestos podiam as mulheres sem prejuizo do decôro e da modéstia pedir em casamento o homem escolhido pelo seu coração.

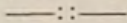


Na Suíça, a inauguração do periodo presidencial é a coisa mais simples do mundo. Em 1935, o Sr. Rudolf Uinger tomou posse do alto cargo, de uma maneira que não será facilmente esquecida. Entrou na sala da presidência, sentou-se na sua secretária e disse ao corpo diplomático ali reunido estas breves palavras — "Boa tarde senhores".

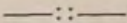
O cérebro de Bismarck pesava 1.805 gramas, sendo que o peso médio do cérebro humano é de 1.350 gramas a 1.400 gramas. É curioso também notar, que entre os grandes homens que a história guardou, o cérebro de Dante pesava 1.470 gramas, o de Byron 1.720 gramas e o de Cuvier 1.828 gramas.



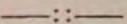
O maior corpo coral religioso do mundo é o do templo Mornon da Salt-Lake City. Consta de trezentas vozes perfeitamente educadas.



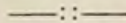
A iluminação das ruas de Londres só agora está sendo restabelecida, sendo isto uma novidade para a maioria das crianças de 8 a 9 anos de idade.



O Big-Ben o famoso relógio da Torre do parlamento de Londres, jamais esteve fora de hora, por mais de três segundos desde 1858. Parou recentemente pela primeira vez, não quando uma bomba danificou sua face, mas quando acidentalmente o martelo de um operário caiu em suas máquinas.



A árvore mais antiga do mundo, com história autêntica, é, incontestavelmente, o imenso "boio" da Birmânia. Há mais de vinte séculos se acha consagrada a Buda e a ninguém é permitido tocar em seu tronco. Quando fôlhas tombam, os peregrinos as disputam como veneradas reliquias.



Na colina Nihasca, nos Estados Unidos encontrou-se há tempos um poço repleto de esqueletos. A universidade de Nebraska procedeu a averiguação chegando à conclusão de que ali estivera estabelecida a tribo Skidi, dos indios parnoel. Isso se deu há 112 anos. A tribo tinha por costume sacrificar aos deuses, a mais bela das índias moças, das tribus vizinhas para cuja descoberta se serviam de espões habilísimos.

Piada Enigmática.



UM CANDIDATO À RESENDE

Trecho extraído do Manual de ensinança de bem viajar em qualquer trem

Legenda: G. M. DE SOUZA
Desenho: HELY REGO

«Manual de ensinança de bem viajar em qualquer trem». O título é do tempo de D. Dinís, mas a obra é moderna, digna do prêmio Nobel para 1947, o que

Quando iniciamos o trabalho não fomos movidos pelo banal propósito de angariar méros proventos pecuniários, mas tão somente o de difundir a difícil arte de bem viajar, o que hoje em dia constitui um problema dos mais sérios para a espécie humana.

Tratemos aqui apenas da parte que se refere a viagens em «trens», isto é. o capítulo *Fácil maneira de bem conduzir em transportes que se deslocam sobre trilhos paralelos apoiados em dormentes.* (Título gongórico).

Tomemos para exemplo uma viagem do Rio à Resende.

Para nos transportarmos à tão aprazível estância, temos a chance de escolher um dos seguintes «trens»: Expressinho», «Rápido» e «Aquático».



Fig. 1

aliás não constituirá surpresa para nós se isto acontecer.

Este pequeno trabalho constitui um opúsculo, com cerca de 1362 folhas e nada menos de 1994 ilustrações, todas elas à bico de pena, porque o desenhista achou grande dificuldade em fazê-las à bico de Bunsen.



Fig. 2



Fig. 3

Qual dêles o leitor escolheria?

Eis uma tarefa difícil. Só mesmo a vóz da experiência nos conduzirá a uma escolha acertada. Estudaremos os prós e contras da situação.

«Expressinho» — Sob o ponto de vista financeiro, este é o aconselhável mas sob os outros pontos é o pior. Logo como a maioria sempre vence não iremos de «Expressinho».

Os outros dois são aconselháveis. Pouca diferença fazem entre si, sendo que o «Aquático» nos obrigará a levar guarda-chuva e galochas...

Se estivermos com vontade de chegar mais cedo devemos procurar o primeiro vagão depois da máquina, pois este chega sempre à frente dos demais.

Ah! Quasi me esqueço. O que devemos fazer primeiro é comprar as passa-

gens, pois do contrário estaremos na situação do herói da fig. 2 o que absolutamente não convém. Em resumo, nada de «golpe».

Depois de acomodadas as malas e outros utensílios, deve-se substituir o «képi» pelo «bibico» e proceder um reconhecimento pelos vagões da composição sendo aconselhável dar um «bordejo» até a ma-



Fig. 4



Fig. 5

quina para que nada passe despercebido. Este reconhecimento tem por finalidade procurar uma situação privilegiada onde se possa estabelecer bases para novas operações e reunir o útil ao agradável, isto é, uma refeição à minuta e uma companhia.

ca inferior a 180°), afim de induzi-lo ao «mastigatório» duplo. Ao ser feito o oferecimento, responder com o clássico: Não. Muito obrigado, mas já que insiste... Para dar maior ênfase à frase, faz-se um gesto negativo com uma das mãos e com a outra apanha-se rapidamente qualquer coisa comível. Figs. 3, 4, 5 e 6.

Seguir à risca os conselhos paternos, principalmente o que diz: «Meu filho, evita sempre as más companhias» Fig. 7. Se fôr convidado ou convidar alguém à ir ao carro restaurante ter sempre em mente que o «buffet» não é grátis

Quando o chefe do trem avisar: «Aguas Negras» próxima parada, prepara-te



Fig. 6

Se pudermos nos localizar ao lado de uma «bôa» com boas comidas será bastante interessante. Em caso contrário observar algum passageiro que inicie um «mastigatório» individual. Logo que a vítima estiver sob pontaria, acomode-se ao seu lado e comece à grelar, lançando-lhe olhares discretos (rotação do tronco nun-



Fig. 7



Fig. 8

leitor amigo pois as coisas vão piorar para teu lado. Terás que por em prática toda tua reserva de «descontração», pois do contrário, ficarás na situação do personagem que vemos na Fig. 8, isto é, serás insignificante perante os que te darão «acolhida amigável».

Por fim quando fôres convidado amavelmente para pagar alguma «função» (trote), lembra-te sempre que a melhor defensiva é a ofensiva. Entrega-te de corpo e alma, e reza muito, porque do contrário não terás oportunidade de fazer esta agradável viagem, pela segunda vez.



UM PEQUENO "TEST" PARA SEUS CONHECIMENTOS ACÉRCA DO ESQUADRÃO DO C. M.

I) Em Cavalaria, a que se chama de "piano"?

- a) Uma parte da sela;
- b) Certa espécie de escova;
- c) Um pequeno obstáculo;
- d) O passo mais lento do cavalo.

DALTON LINNEU

- e) Bom cavaleiro;
- d) Cavalete que sustenta a sela.

II) Que é patilha?

- a) Parte do pé do cavalo;
- b) Parte da sela;
- c) Um comprimido medicinal;
- d) Um obstáculo de 1,80 m.

V) O uniforme interno da Cavalaria do C.M. comporta:

- a) Coturno.
- b) "Combat-Booth";
- c) Botas;
- d) Sapatos de verniz.

III) Quais destas instituições militares não possuem Esquadrão?

- a) Escola Militar;
- b) Curso de Oficiais da Reserva;
- c) Colégio Militar;
- d) Escolas Preparatórias.

IV) Na gíria "cavalariana", o que significa "perninha"?

- a) Indivíduo de pernas curtas;
- b) Sujeito que não se mantém montado;

RESPOSTAS — Na pág. 70.

DEFINIÇÕES

PRISIONEIRO: É um indivíduo que possui uma *cela* mas não anda a cavalo.

(Mazinho).

PATO — Galináceo de galochas.

Dalton Linneu.

...E AINDA ME "TORRAM"

G. M. DE SOUZA

Quinze para as sete, ou um quarto para as sete, como queiram. Para mim, tanto faz.

Lá está parado o Malvino Reis. A passos lentos, ainda «chumbado» pelo sono, lá vou eu em direção ao bonde. Se tenho sorte, ainda encontro o lugarzinho da ponta do banco desocupado porque ainda se encontra molhado pelo orvalho. Não ligando para um possível resfriado, instalo-me como posso. Fico então esperando que o motorneiro tome seu cafezinho e se resolva a tocar o bonde. Felizmente lá vem êle. Despreocupadamente, toma posição e aguarda o «tim-tim» do conduta. Quando êste acha que está tudo em ordem, dá o sinal tão almejado. Olho para o relógio do visinho, dez para as sete, e parece que cheguei atrasado.

Os brotinhos do Instituto mais parecem um bando de periquitos. Falam de tudo e de todos, dêse o novo tipo de «Rimel» até a última façanha de D. Palmira (pessoa aliás que não conheço). Nunca faltam os comentários dêsse tipo:

— «Você viu ontem aquêle moreno do C. M.? Não me deixa em paz».

— «Porque você não faz como eu, não dou confiança».

E quando ela abre a carteira para pagar o bonde, lá está o retrato de um «golinha vermelha»...

No ponto de seção acaba-se a folga de viajar mais ou menos comodamente. E' um tal de entrar menina por entre os bancos que ficamos sem poder respirar. Nunca deixo de receber safanões no quépi, pastas na cara, pisadelas e como sempre tudo isso acompanhado do clássico «queira me desculpar»...

Olho novamente para o relógio — sete e quinze — e estou quási chegando ao C. M. Faltam apenas uns dez minutos. Quando lá chegar serei, sem dúvida alguma, cumprimentado pelo sentinela:

— «Seu número, moço. A entrada é até as sete e quinze».

Lá fico eu arranchado voluntariamente à fôrça por uns quatro dias.

São coisas da vida... de aluno do C.M.

W. Bandeira de Mello.
Ex-aluno.

Série "Bandeira" Problema nº 2



Ao Mazinho

W. Bandeira de Mello

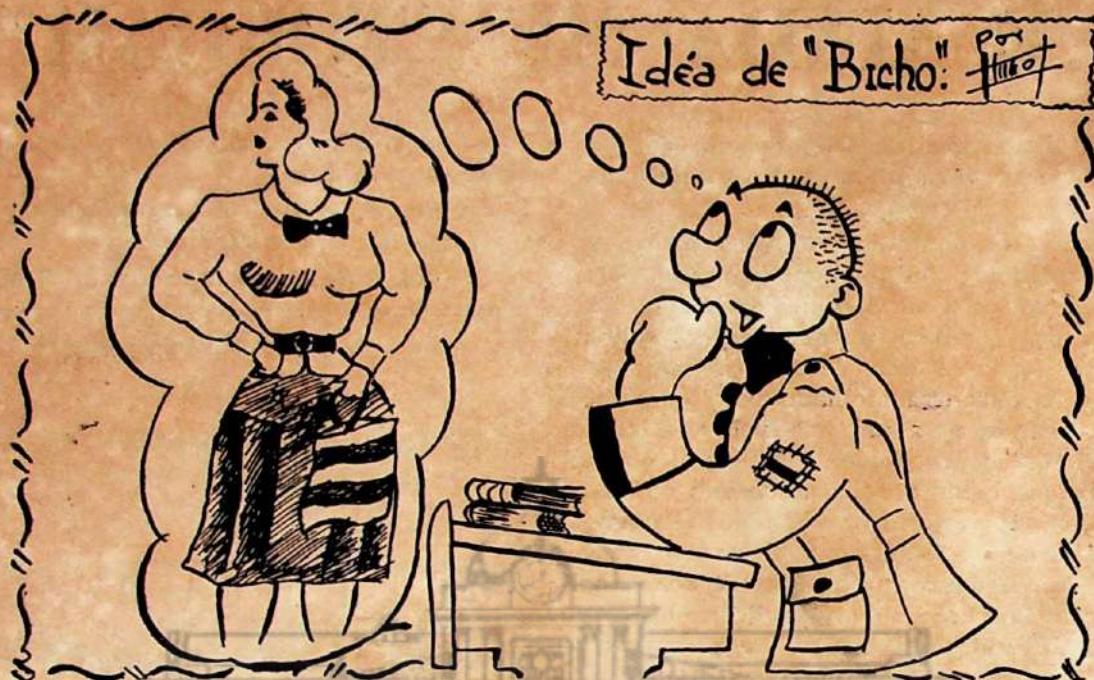
HORIZONTAIS

- 1—Dialeto tibetano.
- 4—Bol de uma raça de Mato Grosso.
- 9—Prefixo.
- 10—Doutora.
- 11—Correia que os caçadores de altaneira punham nos sancos do falcão (inv.).
- 12—Ébrio (inv.).
- 13—Nome comum a várias pássaros da família dos Tanagerídeos.
- 14—Nome próprio.
- 15—Astutos.
- 16—Contração (inv.).

- 17—Símbolo de um elemento químico.
- 18—Vias.
- 21—Interjeição.

VERTICAIS

- 2—Despentear.
- 3—Peça para erguer o falcão depois da comida.
- 5—Aterro que serve para resguardar os campos contra inundações.
- 6—Lugar onde as galinhas costumam pôr ovos.
- 7—Irascíveis.
- 8—Ladrões do mar.
- 19—O mesmo que dó.
- 20—Rio da Holanda.



SOLUÇÃO DO «TEST»

I-c; II-b; III-d; IV-c; V-c

A ASPIRAÇÃO

Redator-chefe — DALTON LINNEU VALERIANO ALVES

Redatores — DAVID NEIVA SIMON e GILMAR MAIA DE SOUZA

COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO

SOCIEDADE LITERÁRIA DO COLÉGIO MILITAR

DIRETORIA:

Presidente — GERSON MIRANDA DOS SANTOS

Vice-Presidente — BRAZ MONTEIRO CAMPOS

1.º Secretário — EDGARD ROMÉRO AMORIM

2.º Secretário — EUGENIO DE ALMEIDA BATISTA

Dir. Cultural — PAULO CAVALCANTI MOURA

Dir. Social — JOÃO RIBEIRO DA SILVA

Tesoureiro — EWALDO CESAR REBOUÇAS

Supl. de Secretário — LEO CEREJA P. DE ABREU

Orador Oficial — CLEVERSON DA SILVA GOMES

Chefe de Recreações — JÚLIO CESAR AMÉRICO DOS REIS

Chefe de Publicações — HERMAN DE CARVALHO ROENICK

Chefe de Comemorações — NEY DEODORO SARMENTO



ESPAÇO CULTURAL CONSELHEIRO THOMAZ COELHO
COLÉGIO MILITAR DO RIO DE JANEIRO